

PREÂMBULO

COOPERATIVISMO - SEUS PROPÓSITOS DE NOVA ORDEM ECONÔMICA

O Cooperativismo torna-se o norteador, o vetor de uma nova diretriz econômica, integrada, participativa, mais justa e igualitária, porquanto doutrinariamente distanciado do capitalismo predatório e do socialismo autocrático. O “novo”, “o diferente”, propiciando a mobilização/transformação social, através da equidade, solidariedade, criatividade, tolerância. Uma economia regenerativa, solidária, proativa, envolvendo governança, cidadania, educação plena, sustentabilidade ambiental, vitalidade cultural com a primazia inconfundível do bem-estar comum.

Vivemos um mundo desconexo, disruptivo, não linear, onde subsistem a carência de bons projetos, excelência nas relações, eficiência operacional, compartilhamento de bons valores e principalmente de lideranças que prezem pelo caráter, integridade, carisma, inovação. Enfim, ideias, ações, fermento ativo em prol de uma nova ordem social, com o fomento à riqueza e à prosperidade coletiva, dinamismo cultural, o envolvimento comunitário, harmonização entre capital e gestão, sustentabilidade dos negócios, a prioridade do bem comum sobre os interesses privados egoísticos; o respeito e valorização das pessoas, do meio ambiente, das tradições e valores coletivos, o exercício e vivência cotidianos da ética, democracia, equidade, paz. “A busca da paz resulta na plenitude das relações corretas consigo mesmo, com outras pessoas, outras culturas, outras vidas – com a Terra e com o Todo Maior do qual somos parte” (Carta da Terra – ONU – 2003).

A idolatria ou dependência de heróis canhestros ou ainda da ação do Estado impedem-nos de resolver os grandes problemas sociais, que exigem interdependência, tornando-se o cidadão, na prática, um cavaleiro preso na armadura. A sociedade necessita se reprogramar, abrindo espaços de diálogo, de construção comum, decidindo por si mesma.

O Cooperativismo de crédito, em especial, tem como propósito institucional-sistêmico promover justiça financeira e prosperidade social, mediante ações e soluções sustentáveis, estratégicas, inovadoras, de cunho comunitário e humanista. A razão de ser e existir da empresa cooperativa é a transformação coletiva, social e econômica, através da mutualidade, onde o negócio esteja a serviço do bem comum, tendo a sustentabilidade como marca, cultura, estratégia, gestão.

Assim, a assembleia geral da Aliança Cooperativa Internacional-ACI, transcorrida em 24/09/2021, teve como lema “A paz, bem-estar e prosperidade para todos” com foco no aprimoramento, envolvimento e realização comunitária. Segundo o escritor Simon Senek “as pessoas não compram o que você faz, elas compram por que você faz isso”. O propósito, em suma, de ações transformadoras, integradas, compartilhadas, socialmente responsáveis, de afirmação e potencialização do ser humano. Dessa forma, busca-se, segundo o escritor Dan Pontefract, atingir o flow – estado onde nos concentramos ativamente numa tarefa identitária de satisfação profunda, O deixarmos uma marca positiva no mundo (Obra “The purpose effect: building meaning in yourself, your rule and your organization”).

Monsenhor João Alexandre de Mendonça

Tão forte quanto a fé são os chamados ao sacerdócio em São Tiago. E não faltam nomes, na História da comunidade, para provar isso. Um deles é o biografado desta edição do boletim, Monsenhor João Alexandre de Mendonça. Conheça sua trajetória, seus feitos, na...

Pág. 4

Família Caputo

“Uma boa história sustenta a si mesma não necessitando que a defendam. Uma boa história faz com que o futuro volte a repeti-la inúmeras vezes demonstrando a sua força e seu propósito. Então, de novo podemos ver os três irmãos Caputo partindo da Itália, talvez fugindo como clandestinos do serviço militar e das difíceis condições econômicas e socioculturais que afligiam a população no período pós Unificação do Estado Italiano. Desembarcaram no Estado de São Paulo”.



Pág. 8

Quilombos em Minas Gerais

No Estado marcado pela Inconfidência Mineira, outros gritos de liberdade ecoaram pelo território transformando a História. A pesquisadora Simone de Assis escreve sobre o assunto em artigo reproduzido nesta páginas enquanto transita, também, entre questões sociais, de invisibilidade, cidadania, revolução.

Pág. 14

O termo ‘idiota’ – de um jeito que você nunca viu

“Mas como os gregos valorizavam muito a participação cívica, reconhecendo que sem ela a democracia entraria em colapso, era esperado que todos os cidadãos estivessem interessados e familiarizados com os assuntos públicos. Ou seja, eles não deveriam ser idiotas. Permanecer à margem da vida pública era sinal de ignorância, falta de educação, desinformação e abandono do dever como cidadão”.

Pág. 20

ADIVINHAS

1. O que é, o que é? Faz parte das árvores e dos cadernos.
2. O que é, o que é? Tem apenas duas letras, é redondo e tem um buraco no meio.
3. O que é, o que é? Tem cinco dedos, mas não tem unhas.
4. O que é, o que é? Está no final do arco-íris.
5. O que é, o que é? Cru não existe e cozido não se come.

Respostas: 1- As folhas; 2- O CD; 3- A luvra; 4- A letra S; 5- O sabão em barra.

Provérbios e Adágios

- O rio quanto mais profundo menos barulho faz (provérbio tupi).
- Nem sempre a vaca que mais berra é a que produz mais leite (provérbio francês).
- Em baile de cobras, sapo não entra.
- Em briga de elefantes, quem sofre é a grama.
- Você pinta a sua casa de branco; o tempo, porém a pinta de cinza.



Para refletir

- “Quando canto encontro a minha eternidade”
(Tagore)
- “Há uma vela em seu coração pronta para ser acesa. Há um vazio em sua alma pronta para ser preenchido. Você sente. Você pense nisso.”
(Rumi)
- “A mudança é a lei da vida. E aqueles que apenas olham para o passado ou para o presente irão, com certeza, perder o futuro”.
(John F. Kennedy)

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e todas as pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Fabiana Diéle.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Colaboração: Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Maria Luiza Santiago de Paula

Revisão: Fábio Antonio Caputo e

Sandra Regina Almeida Caputo

Jornalista Responsável:

Marcus Santiago – MTB 19.262/MG

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

PAULO FREIRE

Francisco R. Bastos

Freire nasceu no Recife, Pernambuco, no dia 19 de setembro de 1921.

Filho de Joaquim Temístocles Freire, um capitão da Polícia Militar, e de Edetrudes Neves.

Paulo Freire iniciou sua educação no Colégio 14 de Julho, no Recife.

Com 13 anos perdeu o seu pai. Estudou com dificuldade financeira.

Em 1943 foi à Faculdade de Direito do Recife.

Por sua competência foi diretor do Departamento de Educação e Cultura de Pernambuco.

Depois esteve lecionando português no Colégio Oswaldo Cruz e Filosofia da Educação na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Pernambuco.

Em 1955, com amigos fundou o Instituto Capibaribe, uma escola inovadora.

O Método de Paulo Freire

Em 1960, preocupado com os adultos analfabetos na área rural desenvolveu um método de alfabetização.

Era baseado no vocabulário do cotidiano e da realidade.

Por exemplo: o agricultor aprendia as palavras, cana, enxada, terra, colheita etc.

Assim pensavam as reais questões sociais relacionadas ao seu trabalho.

O “Método Paulo Freire” (1962) em Angicos, no Rio Grande do Norte, foi usado pela primeira vez na educação de trezentos trabalhadores da agricultura.

O projeto foi consagrado conhecido como “As 40 horas” e mostrou ser muito eficiente.

No curso a conversa girava em torno das condições dos trabalhadores: remuneração, garantias, saúde enfim tudo que influenciava a vida dos alunos.

O sucesso do sistema ganhou as manchetes dos jornais na época do presidente Jango.

Paulo Freire se tornou uma estrela da educação brasileira, e o presidente Jango, incluiu o método no Plano Nacional de Alfabetização.

Após a temporada de exílio no Chile, passou um ano em Cambridge, depois Genebra, Suíça,

Só voltou ao Brasil em 1979.

Estabelecido em São Paulo, tornou-se secretário de Educação de São Paulo.

Foi professor da UNICAMP e da PUC.

Conhecido como o “Pai da Educação” ele foi reconhecido como o brasileiro com mais títulos de Doutor Honoris Causa nas universidades.

Ao todo são 41 instituições, entre elas, Harvard, Cambridge e Oxford. Em 1986 recebeu o Prêmio da Unesco de “Educação para a Paz”.

“Pedagogia do Oprimido” é o livro mais conhecido do educador e filósofo. Nele propõe uma pedagogia de relacionamento entre professor, estudante, e sociedade.

Morreu em São Paulo no dia 02 de maio de 1997, com 76 anos.

www.franciscoreisbastos.com.br

Realização:



Apoio:



AO PÉ DA FOGUEIRA

O INCÊNDIO

Do nada, num piscar de olhos, um incêndio de catastrófica, ensandecida dimensão, toma conta do local. Empurradas pelo vento da tarde, labaredas tons alaranjado-escuros, em redemoinhos incontroláveis espalham destruição por toda parte. Fuligem, fumaça a subirem às alturas. Inúteis os esforços de contenção. Pessoas que tentaram combater o fogo sentiram-se mal, inalando fumaça tóxica, sendo que uma delas, uma senhora de seus sessenta anos, moradora nas redondezas, teve que ser hospitalizada, acometida de complicações pulmonares.

A área calcinada situava-se a poucos quilômetros da cidade, cruzada por rodovia federal, por onde circulava intenso tráfego de veículos, bem como próxima a rede elétrica de alta tensão. Algumas propriedades rurais foram mais atingidas. Pastagens, matas, pomares, currais, silos, reses aniquiladas, aproximando-se o dantesco carrossel de fogo perigosamente das residências. Desespero, prejuízos incalculáveis ante a voracidade das chamas, varrendo o verde e a vida por aquelas bandas, deixando tão só cinzas, esturricação. Chamados, os bombeiros aparecem horas após, quando nada mais havia a se fazer.

A causa do incêndio, vai-se lá saber, falta de precaução de alguém, ao se fazer aceiro de algum roçado, ao se lançar uma bituca de cigarro ao léu a partir de um veículo em movimento, a incidência de um raio furtivo, algum grupo de excursionistas em área de camping, deixando fogueira acesa, uma atitude criminosa e irresponsável de algum paranoico, pois não se conhece a índole de espíritos incendiários...

Três dos proprietários prejudicados, pegos de surpresa pelo infortúnio e com perdas materiais de monta, sítios destruídos, patrimônio derruído, providenciam o boletim de ocorrência junto à de-

legacia policial local. Desejavam a apuração dos fatos e possível ressarcimento dos enormes danos sofridos a se aproximar de dezenas e dezenas de milhares de reais. Como se tratava de dano ambiental, assunto encaminhado, conforme a legislação vigente, às autoridades florestais e ao ministério público.

Aberto processo criminal, eis os proprietários indiciados pela promotoria. A vítima torna-se réu. Eram/seriam eles os depositários e, guardiães responsáveis pela segurança e incolumidade de suas propriedades, afirma o sentencioso promotor, culpando-os por negligência, geradores de grave dano ambiental. Quiçá foram eles os próprios incendiários, reverbera o intérprete da lei. Numa das audiências, um dos sitiante, ao questionar a posição intransigente e radical do promotor, fora destrutado, ameaçado de prisão. – Os senhores que montem barraca, dia e noite, em suas propriedades, protegendo-as de quaisquer sinistros, exprobara o homem da lei. Processo, neste País ensandecido, que levaria meses e meses, com enormes desgastes físicos, emocionais, financeiros e sociais para os ruralistas.

Nesse ínterim, cerca de dez, doze meses passados, novo, arrasador incêndio atinge a região, dessa vez bem mais próximo à cidade, com graves transtornos para usuários da malha rodoviária e moradores urbanos em geral. Alertados, conquanto aturdidos, os sitiante não tomaram nenhuma providência quanto ao combate ao fogo esturricante e devastador. Não providenciaram nenhum BO. Buscaram, dentre suas possibilidades, proteger suas propriedades. Poderiam ser processados, expostos a humilhações e penalidades, uma vez mais, pelo Ministério Público e dessa vez, com o agravante de serem reincidentes, sob a ótica da desvelada, desconcertante promotoria...

Assim caminha a humanidade!



Sacerdotes sãotiaguenses nativos:

MONSENHOR JOÃO ALEXANDRE DE MENDONÇA (1848 – 1934)

Monsenhor João Alexandre de Mendonça, natural de São Tiago, onde nasceu aos 24-11-1848, filho do Tenente José Alexandre de Mello e Ana Francisca de Mendonça,⁽¹⁾ batizado aos 05-12-1848 na igreja de São Tiago pelo Pe. Joaquim Gonçalves Lara, sendo padrinhos o Tenente Urbano Machado Valadão e Maria Cândida Santana (Livro de batismos n. 2, de 08.1846 a 11.1858, fls. 29). Era neto paterno de João Gonçalves de Mello e Rita Clara de Jesus e neto materno do Capitão-Mór Matheus Furtado de Mendonça, um dos maiores oligarcas da jurisdição - e de D^a Francisca Maria de Lara, clãs familiares de grande influência e descendência regional⁽²⁾.

Matriculou-se inicialmente no Seminário do Caraga (1872⁽³⁾) e posteriormente no Seminário Maior São José da Arquidiocese de Mariana. Recebeu o subdiaconato aos 12-05-1878, o diaconato aos 12-03-1879, o presbiterato e ordenação aos 04-05-1879, segundo o Cônego Trindade, no Seminário do Caraga em solene celebração presidida por D. Antonio Maria Correa de Sá e Benevides, bispo de Mariana.

Mons. João Alexandre tomou posse como vigário de Cláudio – paróquia de Nossa Senhora da Conceição Aparecida - aos 06-02-1881, ministério e notável apostolado no qual exerceu ininterruptamente ao longo de 53 anos até seu falecimento aos 08-11-1934.

(Fonte: Cônego Raimundo Trindade / E ainda <https://www.geni.com/people/Jo%C3%A3o-Alexandre-de-mendonca%C3%A7a-monsenhor?6000000025581283302>, acesso aos 25/05/2022)

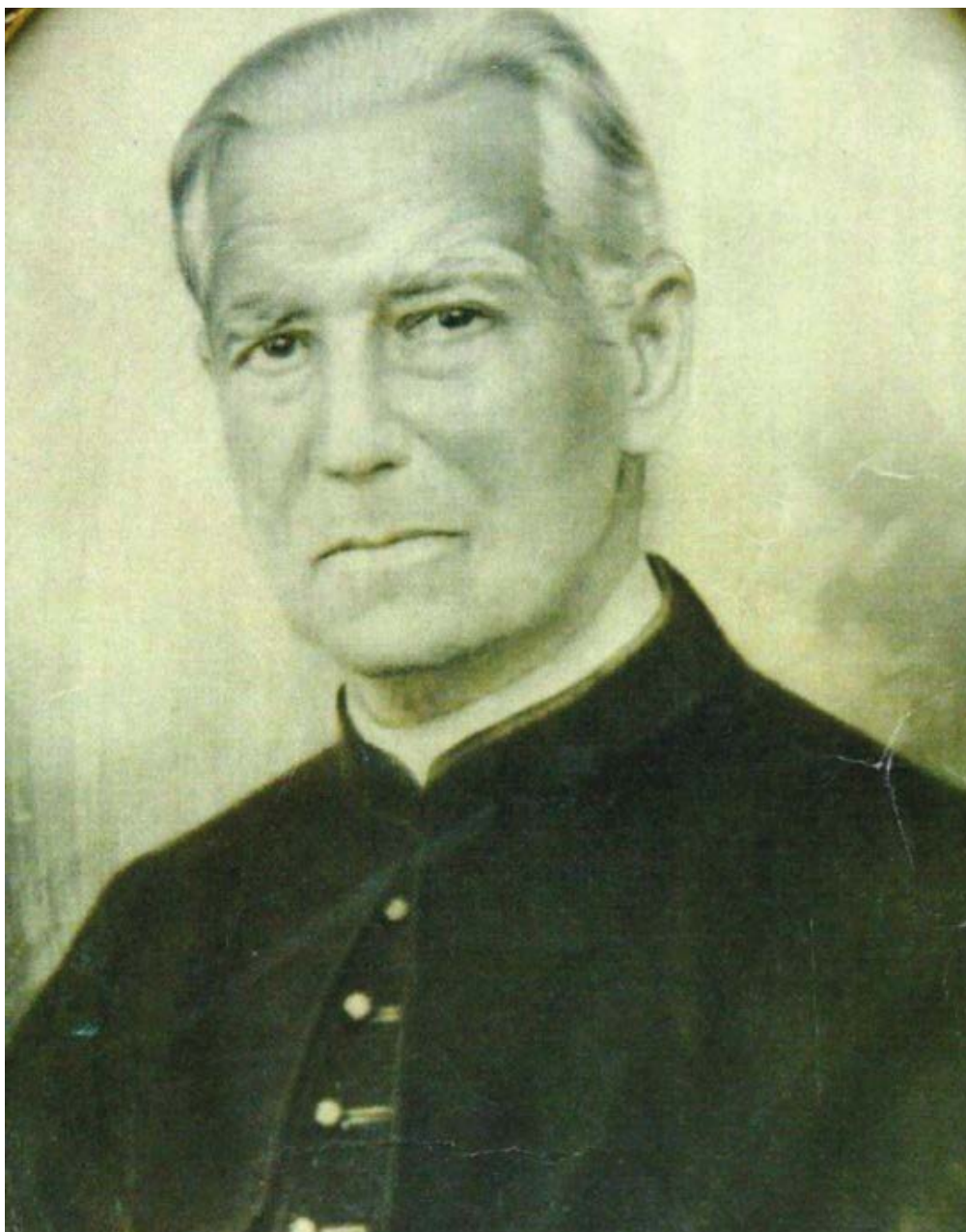
No exercício de seu vicariato, Mons. João Alexandre vendeu seus bens de raiz, e herança inclusive fazenda (1895) em São Tiago,⁽⁴⁾ destinando os recursos em prol da reconstrução da igreja matriz de Claudio. Faleceu aos 08-11-1934, aos 86 anos, sendo 53 anos de sacerdócio dedicados ininterrupta e integralmente à comunidade de Claudio, onde repousam seus restos mortais. Oriundo de família numerosa, como era praxe naqueles tempos, Mons. João Alexandre registra, 13 irmãos.⁽⁵⁾

O antigo distrito de Cachoeira de Itamembé, criado pela lei n. 1035 de 20-09-1928 e instalado aos 20-05-1930 teve sua denominação mudada para distrito “Monsenhor João Alexandre”, como homenagem da comunidade de Cláudio ao seu dedicado pastor. Segundo o filólogo Joaquim Ribeiro Costa em sua obra “Toponímia de Minas Gerais”, (Rio de Janeiro, Ed. Itatiaia, 1993, p. 259), o termo Itamembé origina-se do tupi “Ita” (pedra) + “membé” diminutivo de “membra” (macia, mole; chumbo; estanho) significando “pedra macia” ou ainda “pedra

de chumbo” ou de “estanho”.

REGISTROS SOBRE MONS. JOÃO ALEXANDRE DE MENDONÇA

Em sua obra “O reinado de Nossa Senhora do Rosário em Cláudio/MG – um breve relato etnográfico” (edição digital – https://www.academia.edu/21972536/o_reinado_de_nossa_senhora-do_rosario_em_claudio, acesso aos 27-05-2022, 08:56h) o autor Vinicius Eufrázio aponta: “As celebrações congadeiras aconteceram ali por muitos anos, mas possivelmente nos primeiros anos do século XX, por determinação do pároco local, João Alexandre de Mendonça, foram proibidas, perante a alegação de suspeitas sobre a prática de rituais de magia negra entre os ternos. O cessar dessa proibição só viria acontecer em 1945 com o pároco Manuel da Cruz Libânio...” (op. cit. P. 4).



Mons. João Alexandre de Mendonça

NOTAS

(1) D^a Ana Francisca tinha dois anos (1831) quando da abertura do inventário de sua mãe Francisca Maria de Lara, falecida esta aos 28-07-1830. O Ten. José Alexandre de Melo e Ana Francisca de Mendonça casaram-se aos 09-08-1844 no oratório da Fazenda Caxambu do Cel. Matheus Furtado de Mendonça no Quarteirão do Mosquito (hoje Cel. Xavier Chaves) – Celebrante Pe. Joaquim Gonçalves Lara e testemunhas o Cel. Geraldo Ribeiro de Resende e Silvestre Albino da Fonseca (Livro de Casamentos n.1, de 07.1840 a 02.1876, fl. 13v – Paróquia de Resende Costa).

O Ten. José Alexandre de Melo, (também mencionado com a patente de capitão – 1867), uma das mais importantes figuras da história de São Tiago no século XIX, um de seus maiores latifundiários, e a merecer maiores estudos por pesquisadores, faleceu aos 26-02-1883 e sepultado no dia 27-02 no adro da Matriz (Livro de Óbitos de 11.1871 a 12.1885, fls. 37 – imagem 89 - Paróquia de São Tiago). D^a Ana Francisca de Mendonça faleceu aos 27-08-1897 (Livro de Óbitos 2 de 01.1886 a 04.1898, fls. 45, imagem 48. Sepultada dia 28-08-1897 – Paróquia de São Tiago).

Sobre o Ten. José Alexandre de Melo ver referência em nosso boletim n. CLVI, setembro/2020. O mesmo é citado pela historiadora Keila Cecilia Melo In “Senhores e Possuidores – Estrutura Fundiária, Unidades Rurais Pro Indiviso e o mercado de terras em Minas Gerais – São José do Rio das Mortes c. 1830 c. 1850” UFSJ, 2015, pp. 61/62).

(2) Profusa a presença e influência da linhagem Mendonça. A título de exemplo, no Censo de 1831, o Guarda Mor Matheus Furtado de Mendonça é listado como morador do fogo 1, Quarteirão do Mosquito (atual Cel. Xavier Chaves), pertencente ao distrito da vila de São José Del-Rei, proprietário da Fazenda Caxambu. Tinha ele 48 anos; sua esposa D. Ângela Maria de Lara, 39 anos; os filhos – Francisco Furtado Mendonça Lara (13 anos); Ana Francisca de Mendonça Lara (9 anos), Josefa Francisca de Mendonça Lara (3 anos), Mateus (12 anos) e mais 67 escravos.

O cap. Matheus Furtado de Mendonça e D. Ângela Maria de Lara foram padrinhos de batismo de Teresa, filha de Francisco Pinto de Magalhães e Gertrudes Maria de Assunção, aos 07-07-1830 na capela de Santa Rita (Projeto Compartilhar – Família Arvelos).

D^a Angela Maria de Lara, 2^a esposa do Cap. Matheus Furtado de Mendonça, foi batizada aos 14-10-1793 na capela do Mosquito, falecida aos 07-03-1847, sendo inventariada pelo marido Matheus Furtado de Mendonça.

• OUTROS REGISTROS SOBRE A FAMÍLIA FURTADO DE MENDONÇA

–O Alferes Matheus Furtado de Mendonça, natural da freguesia de São Mateus da Ribeirinha, Ilha do Pico, bispado de Angra, filho de Antonio Furtado de Mendonça e Catarina Tomasia de Jesus. Casou aos 08-02-1812, na capela do Mosquito, com Francisca Maria de Lara, nascida aos 04-10 e batizada aos 14-10-1793 na capela do Mosquito, filha do Quartel Mestre João Gonçalves de Góes e Lara e Josefa Maria Francisca de Faria, np de Domingos Gonçalves de Góes e Lara e D. Maria Bernardes de Almeida Lara, da freguesia de São José, nm de Matheus José de Faria e D. Barbara Francisca, n. de São Mateus, Ilha do Pico, sendo testemunhas o guarda-mor Manoel José Parreiras, o Alf. Alexandre Gonçalves de Souza e Melo, naturais da freguesia de São Jose (Projeto Compartilhar – Góes Avintes).

• Matheus Furtado de Mendonça aparece como detentor de patentes e títulos (citados em inventários, arquivos eclesiásticos etc): Alferes (1812); Capitão (1824); Sargento Mór (1834 – 1841); Major (1838); Coronel (1844); Comendador (1847).

• Inventário de D^a Francisca Maria de Lara, 1^a esposa do Cap. Matheus Furtado de Mendonça, falecida aos 28-07-1830, na Fazenda Retiro do Caxambu, termo da vila de São José. Inventário aberto aos 03-06-1831, sendo inventariante o viúvo Cap. Matheus Furtado de Mendonça.

Filhos do casal: 1. Antonio, b. aos 05-04-1814 – falecido em criança; 2. Maria Luzia de Mendonça, b. aos 20-05-1815; casada em 1^{as} núpcias aos 20-01-1835 com o Alferes Alexandre Gonçalves Parreiras (15-10-1808/...02-1841) e em 2^{as} núpcias com o Alferes João de Deus Ribeiro de Resende, filho de Geraldo Ribeiro de Resende e Esmênia Joaquina de Mendonça; 3. Matheus Furtado de Mendonça Junior, b. aos 25-10-1816, com 14 anos; (1830) 4. Rita de Cássia de Mendonça, n. em 1821; casada aos 23-11-1836 com João Gonçalves de Faria Lara, que era seu tio, oius irmão de sua mãe; falecida em dezembro de 1854; 5. Francisco Furtado de Mendonça Lara b. aos 15-12-1827; casou aos 20-07-1844 com Ana Josefa de Almeida Lara, ela batizada aos 10-08-1828; 6. Ana Francisca de Mendonça b. aos 05-04-1829 e falecida aos 27-08-1897 em São Tiago; com 2 anos à época do falecimento da mãe (1830). Casada com o Cap. José Alexandre de Melo, falecido aos 26-02-1883 em São Tiago. (pais de Mons. João Alexandre de Mendonça).

Bens de raiz: Fazenda composta por casas de vivenda térreas, paiol, moinho, senzalas tudo coberto de telha, quintal cercado parcialmente por muros de pedra – 400\$000; Terras anexas à fazenda compostas por campos de criar, capoeiras etc em divisas com Ignácia Coelho, Ten. André Esteves e Caetano Pinto Brandão – 650\$000; Parte de terras de cultura na “Mata do Mosquito” em divisas com o Ten. João Gonçalves Lara e Góes, Cel. Geraldo Ribeiro de Resende e herdeiros der Pe. Joaquim da Silva Torres – 1.160\$000; Parte pro-indiviso adquirida dos herdeiros de José da Silva Ramos – 1.244\$000; Herança da mãe D. Josefa Maria de Lara, conforme inventário do Ten. João Gonçalves de Góes e Lara – 2.045\$000 (Inventário de D^a Francisca Maria de Lara – 1831 – Cx 442 – MRSJDR).

D^a Francisca Maria de Lara, 1^a esposa do Cap. Matheus Furtado de Mendonça, como vimos, era a filha mais velha do Quartel Mestre João Gonçalves de Lara e Góes e D. Josefa Maria Francisca de Lara. Faleceu aos 28-07-1830; seu inventário importou em elevado monte-mór, incluindo o numero de 76 escravos (Iphan/SJDR - cx. 442).

• Inventário de D. Ângela Maria de Lara – 1849 – MRSJDR Cx. 129 – Ela foi a 2^a esposa do Cel. Matheus Furtado de Mendonça (inventariante). Casados em cerimônia realizada aos 31-05-1831 Proprietários da Fazenda do Retiro, freguesia da Lage (Resende Costa) D^a Ângela Maria de Lara, que era irmã de D^a Francisca Maria de Lara, 1^a esposa do Cap. Mateus Furtado de Mendonça, faleceu aos 07-03-1847, com inventário aberto aos 31-05-1849 (Iphan/SJDR cx. 129).

Filhos: 1. Josefa Francisca de Mendonça Lara com idade de 14 anos (1847) Casada com Francisco Antonio de Mendonça aos 08-05-1852/ 2. Maria Rita de Mendonça casada em 1^{as} núpcias com o Cap. Francisco Balbino de Melo morador da Fazenda Carandai, falecido aos 02-06-1843; Filhos do casal: Antonio; Francisco; Maria; José; Clara Maria de Mendonça c/c Antonio Chaves de Miranda, n. de Pasatempo. Enviuvando-se, D. Maria Rita c/c Cap. Severino Rodrigues Chaves, em 1847.

Constam vários bens de raiz, dentre propriedades, terras, benfeitorias, lavouras em Cel. Xavier Chaves e Resende Costa, além de terras e benfeitorias nas fazendas das Gamelas e Varginha no distrito de São Tiago (estas no valor de 800\$000) Monte-mór 28:658\$020 – Valor líquido para cada herdeira 7:179\$469 ½ (Transcrição do Inventário – Sra. Edriana Nolasco, a quem muito agradecemos).

• O Cap. Matheus Furtado de Mendonça casar-se-ia ainda em 3^{as} núpcias com Bernarda Francisca de Faria (esta falecida aos 15-11-1851), sem filhos dessa união. D^a Bernarda Francisca de Faria, por sua vez, foi casada em 1^{as} núpcias, cerimônia realizada aos 07-08-1799, com o Guarda Mór Manoel José Parreiras, n. de Congonhas (Livro de casamentos n. 24, fls. 123v/123, cx. 10, Tiradentes – Arquivo Eclesiástico da Diocese de São João Del-Rei) O Guarda Mór Manoel José Parreiras faleceu aos 17-02-1824 (Inventário de Bernarda Francisca de Faria – IPHAN/SJDR 1852 – cx. 82).

O Cap. Matheus Furtado de Mendonça, que exerceu, ademais, as funções de vereador à Câmara da vila de São José Del-Rei, participando ativamente das sedições de 1833 (Revolta do Ano da Fumaça) e 1842 (Revolução Liberal) faleceria aos 28-02-1867 (IPHAN/SJDR – Inventário de Matheus Furtado de Mendonça – 1867 – cx. 537).

• Maria Rita de Mendonça, filha de Matheus Furtado de Mendonça, e Francisca Maria de Jesus, casada em 2^{as} núpcias com Severino Rodrigues Chaves, tendo os filhos João e Angela (Projeto Compartilhar – Valentina de Matos) Severino Rodrigues Chaves aparece como juiz de paz do distrito de Passa Tempo (1836) (APM SPPP 1/6 – cx. 6- D21).

• Na Lista Nominativa de 1838 da vila de São José, Distrito da Lage, Quarteirão do Mosquito, dentre as pessoas livres com idade acima de sete anos, apenas UMA – Francisco Furtado de Mendonça Lara, filho do Cap. Mateus Furtado de Mendonça – foi classificado como “estudante” (Banco de Dados Cedeplar FACE/UFMG – Listas Nominativas 1838).

• **FAMÍLIA FÁRIA - CAP. MATHEUS JOSÉ DE FÁRIA**, natural da freguesia de São Mateus, Ilha do Faial, Bispado de Angra, onde nasceu por volta de 1750, filho de José Francisco de Faria e Maria Jacinta. Proprietário da Fazenda do Mosquito em Cel. Xavier Chaves. Faleceu aos 20-01-1820 com testamento em Cel. Xavier Chaves. Casado com Bárbara Francisca de Faria, tendo os filhos: I – Josefa Maria Francisca, casada aos 02-07-1788 com o Quartel Mestre João Gonçalves de Faria; II – Clara c/c o Alferes Alexandre Gonçalves de Melo; III – Bernarda c/c Guarda Mór Manoel José Parreiras; IV – Ana Gertrudes de Faria casada em 15-04-1801 com o Cap. Antonio Martins Parreiras; V – Gertrudes Caetana de Faria; VI – Hipólito José de Faria c/c Maria Cândida de Santana; VII – José; VIII – Agostinho c/c Maria Parreiras (Projeto Compartilhar – João Gonçalves de Mello).

• **PE. BERNARDO JOSÉ DE FARIA** – Era de origem portuguesa, chegou à região de São João Del-Rei na década de 1740. Já em 1748 era capelão de Conceição do Mato Dentro (Cônego Trindade – “Instituições de Igrejas no Bispado de Mariana”, 1945, p. 360). Realizou inúmeros batizados nas capelas do Mosquito (hoje Cel. Xavier Chaves) e São Sebastião do Rio Abaixo entre 1748 e 1800 (Arquivo Eclesiástico da Diocese de São João Del-Rei – Registros de batismos – Livro 6, cx.2 / Livro 7 cx. 3 / Livro 10, cx. 2).

• **HIPÓLITO JOSÉ DE FARIA (o primeiro)** - Filho do Cap. Matheus José de Faria e Bárbara Francisca Faria de Jesus; foi casado com D. Maria Cândida de Santana, batizada aos 31-07-1791, inventariada em 1866, filha ela do Cap. João Gonçalves de Mello e Ana Rodrigues de Faria. Casal com quatro filhos: 1. Vicência Paulina de Santana; 2. Gertrudes Cândida de Santana; 3. Bárbara Cândida do Amor Divino; 4. Cap. Vicente Cândido de Faria. Foram proprietários de inúmeras fazendas em São Tiago como as do Capão, Tatu, Boa Vista, Córrego das Almas e ainda Córrego das Antas, Desemboque (Triângulo Mineiro) Hipólito faleceu aos 09-06-1834.

• **HIPÓLITO JOSÉ DE FARIA (o segundo)** nascido aos 05-08-1839, sendo seus padrinhos José de Souza de Oliveira e Maria Cândida de Santana; era filho de Joaquim Gaudêncio de Souza e Bárbara Cândida do Amor Divino, casados estes na capela de São Tiago aos 24-01-1838. (ver Box) D^a Bárbara Cândida, nascida em 1811, era filha de Hipólito José de Faria (o velho) e Maria Cândida de Santana, np do Cap. Matheus José de Faria e Bárbara Francisca Faria de Jesus, nm do Cap. João Gonçalves de Mello e Ana Rodrigues de Faria. Hipólito José de Faria era casado com Rita Clara de Jesus, tendo a filha Maria dos Anjos de Mello (vulgo “Dos Anjos”) que, na condição de enfermeira, prestou inestimáveis serviços à comunidade local durante a gripe espanhola (1918), sendo ela própria uma de suas vítimas.

Segundo o memorialista Carlos Silva, Hipólito teria falecido quando de uma viagem a Goiás: (Obra: As três mortas).

• **HIPÓLITO JOSÉ DE FARIA (O terceiro)** Há ainda um 3º Hipólito José de Faria na família, filho de José Gaudêncio de Souza e Maria das Dores Lara, nascido aos 13-04-1888. Casado com Maria Cristina Santiago (Marieta), filha do Cap. João Pereira Santiago e Messias Cândida de Resende. Hipólito e família migraram para Mateus Leme, por volta de 1919, onde se tornaria grande fazendeiro e empresário, com elevado prestígio social e político regional.

(3) No site do santuário do Caraça, lista de ex-alunos, o nome de Mons. João Alexandre de Mendonça é datado de 1872 (<https://www.santuariodocaraça.com.br/o-colegio-e-seminario/ex-alunos/lista-de-ex-alunos>, acesso aos 27-05-2022, 08h45). No citado site, o nome de Pe. José Alexandre de Mendonça, sobrinho de Mons. João Alexandre e também aluno do Caraça, é datado de 1879 (ano de sua matrícula).

(4) Embora vigário de Claudio, há inúmeros registros da passagem/ presença de Mons. João Alexandre em eventos da paróquia de São Tiago, em particular batizados e casamentos de familiares.

• 12-05-1885 – Pe. João Alexandre de Mendonça batizou Rita, nascida aos 23-04-1885, filha legítima de Sérgio Furtado de Mendonça e Josefa de Mendonça Lara, sendo padrinhos o batizante Pe. João Alexandre e Teresa Cândida da Assunção (Livro de 01.1866 a 1885, fls.35).

• 12-01-1887 – Pe. João Alexandre batizou Sérgio, nascido aos 24-12-1886, filho de Sérgio Furtado de Mendonça e de Josefa de Mendonça Lara, sendo padrinhos José Procópio de Resende Junior e Ana Francisca de Mendonça (livro de 01.1886 a 12.1894, fls. 14v).

• 05-06-1886 – Com a devida licença do vigário Pe. Júlio José Ferreira, o Pe. João Alexandre de Mendonça assistiu ao matrimônio de José Procópio de Resende Junior com Adolfinha Cássia de Mendonça, observadas as prescrições do Concílio de Trento e do Ritual Romano. Foram testemunhas Matheus Gonçalves de Mendonça e Domingos Teodoro de Resende (Livro de 08.1885 a 11.1886, fls. 44v/45).

• 14-09-1878 – Pe. João Alexandre de Mendonça foi testemunha de casamento de Joaquim Ribeiro de Carvalho Sobrinho e Maria Inocência de Melo. Celebrante Pe. Júlio José Ferreira (Livro de Casamentos de 08.1855 a 11.1886, fls. 31 – Paróquia de São Tiago).

• 13-09-1880 – Pe. João Alexandre celebra o casamento de Urbano Ferreira de Castro e Ana Francisca de Melo. Testemunhas João Eugênio de Castro e Sérgio Furtado de Mendonça (Livro de Casamentos de 08.1855 a 11.1886, fls. 33v – Paróquia de São Tiago)

• 21-11-1885 – Pe. João Alexandre celebra o casamento de Antonio Saraiva Ribeiro e Vicência Cândida de Melo. Testemunhas João Gonçalves de Melo e Vicente Cândido de Faria (Livro de Casamentos 08.1855 a 11.1886, fls.42f/v – Paróquia de São Tiago).

• 12-10-1892 – Pe. João Alexandre de Mendonça celebra o casamento de José Saraiva Ribeiro e Maria José de Melo. Testemunhas Vicente Gaudêncio de Souza e João Gonçalves de Melo (Livro de Casamentos de 02.1887 a 01.1917, fls.27v, imagem 30 – Paróquia de São Tiago).

(5) Irmãos de Mons. João Alexandre de Mendonça (Fonte: Mórmons).

5.1. Sérgio Furtado de Mendonça, nascido aos 22-20-1846, batizado aos 09-11-1846 na capela do Mosquito (Cel. Xavier Chaves) pelo Pe. Joaquim Gonçalves Lara. Padrinhos: o batizante Pe. Joaquim Gonçalves Lara e Ângela Maria de Lara (Livro de 08.1846 a 11.1858, fls. 8 – Bom Sucesso) Casou aos 11-06-1866 no Oratório da Fazenda “Retiro do Caxambu” com Josefa de Mendonça Lara, filha de João Gonçalves de Faria Lara e Rita de Cássia Mendonça, celebrante o Pe. Joaquim Gonçalves Lara.

5.2. Francisca, batizada aos 22-11-1847 na igreja de São Tiago pelo Pe. José Mendes dos Santos, sendo padrinhos Francisco Furtado de Mendonça e Ana Josefa de Almeida Lara (Livro de 08.1846 a 11.1858, fls. 7v – Bom Sucesso) Casada aos 11-07-1863 na Ermida da Lavrinha com Hipólito Furtado de Mendonça, sendo eles os pais de Pe. José Alexandre de Mendonça; cerimônia de casamento celebrada pelo Pe. José Mendes dos Santos.

5.3. João (Mons. João Alexandre de Mendonça).

5.4. Virginia, sepultada aos 30-10-1852 na capela de São Tiago (Livro de óbitos 04.1846 a 05.1877, fls. 136v – São Tiago).

5.5. Maria, batizada aos 10-09-1855 na igreja de São Tiago pelo Pe. José Mendes dos Santos, sendo padrinhos Pe. Joaquim Gonçalves Lara e Ângela Maria de Lara (Livro 05.1847 a 11.1865, fls 2v) Provavelmente falecida em criança.

5.6. Alexandre, nascido aos 12-11-1856, batizado aos 29-11-1856 na igreja de São Tiago pelo Pe. José Mendes dos Santos. Padrinhos: José Joaquim Guimarães e Maria Augusta Guimarães

5.7. Maria, nascida aos 03-04-1858, batizada aos 18-04-1858 na igreja de São Tiago pelo Pe. Joaquim Gonçalves Lara, sendo padrinhos Joaquim Gonçalves de Melo e Maria Jacinta de Jesus, da freguesia de São Tiago (Livro de 05.1847 a 11.1865, fls. 13).

5.8. Donata, nascida aos 25-07-1860, batizada aos 07-08-1860 na igreja de São Tiago pelo Pe. Joaquim Gonçalves Lara, sendo padrinhos o Cel. Matheus Furtado de Mendonça da freguesia de São José Del-Rei e Rita Clara de Jesus, da freguesia de São Tiago (Livro de 05.1841 a 11.1865, fls. 22).

5.9. Ana, nascida aos 02-11-1861, batizada aos 21-11-1861 na igreja de São Tiago pelo Pe. José Mendes dos Santos, sendo padrinhos João Nepomuceno Ferreira e Castro e Francisca Maria de Mendonça, todos da freguesia de São Tiago (Livro de 05.1841 a 11.1865, fls. 27v) Provavelmente falecida em criança.

5.10. Ana, nascida aos 02-03-1863, batizada aos 11-03-1863 na igreja de São Tiago pelo vigário Pe. José Mendes dos Santos. Padrinhos: Hipólito Furtado de Mendonça e Maria Cândida de Santana, todos da freguesia de São Tiago (Livro de 05.1841 a 11.1865, fls. 32)

5.11. Custódio, nascido aos 06-04-1864, batizado na igreja de São Tiago aos 14-04-1864 pelo vigário Pe. José Mendes dos Santos, sendo padrinhos Joaquim Custódio Guimarães e Maria das Dores, da Província do Rio de Janeiro (Livro de 05.1841 a 11.1865, fls. 36v).

5.12. Matheus, nascido aos 12-04-1867, batizado na igreja de São Tiago aos 29-04-1867 pelo vigário Pe. José Mendes dos Santos, sendo padrinhos Pe. João Alexandre de Mendonça e Francisca Maria Lara (Livro de 01.1866 a 12.1885, fls. 7 f/v).

5.13. Maria, nascida aos 17-05-1868, batizada aos 18-06-1868 na igreja de São Tiago pelo vigário interino Pe. Dâmaso Pinto de Almeida Lara – Padrinhos: o batizante Pe. Dâmaso Pinto de Almeida Lara e Josefa de Mendonça Lara (Livro de 01.1866 a 12.1885, fls. 12v).

5.14. José, batizado aos 13-12-1871 na igreja de São Tiago pelo vigário Pe. Júlio José Ferreira, sendo padrinhos Manoel Esteves dos Santos e Maria da Glória de Jesus (Livro de 01.1866 a 12.1885, fls. 26v).

(De Genere Vita et Moribus – Mons. João Alexandre de Mendonça – 1877 – Registro 2421, armário 13, Pasta 0599 - Arquidiocese de Mariana).

A MESTRA COM CARINHO! ERMÍNIA CAPUTO

Neste mês de outubro, em homenagem a todos os professores do município de São Tiago, compartilhamos um bate-papo especial com D. Ermínia de Carvalho Caputo Resende, uma verdadeira referência como professora e mestra em diversos temas relacionados à educação. Além disso, é um ser humano muito especial, destacando-se com vários dons e talentos.

Recebeu-nos calorosamente em sua casa, juntamente com seu esposo Sr. Laerte, mesmo estando em tratamento de saúde, Ermínia compartilhou sua história conosco. Ela nasceu em uma família simples, porém numerosa, com pais dedicados e trabalhadores. Seu pai, Rafael Caputo, era um habilidoso padeiro que passava o dia preparando excelentes quitandas em um forno a lenha. Assava pães de trigo, broas, roscas, biscoitos diversos e a famosa torradinha. Começava cedinho para abastecer a cidade.

Naquela época, não havia padarias nem fábricas, e poucos pães de fora chegavam à cidade. Em frente à sua casa, criou um espaço com um grande balcão de vidro, e toda a família se envolvia na venda dos pães. D. Maria José de Carvalho Caputo, sua esposa, desempenhava um papel fundamental nessa tarefa e, mais tarde, dedicou-se à costura, tornando-se uma exímia costureira, conhecida e respeitada na cidade pelo seu zelo, capricho e criatividade em suas atividades. O casal teve oito filhos, infelizmente perdendo um deles na infância, e Ermínia era a filha mais velha.

Ermínia iniciou sua jornada educacional no Grupo Escolar “Afonso Pena Júnior” com a idade adequada e teve a sorte de contar com a orientação de D. Rosália Alice como sua primeira professora. Posteriormente, D. Ilza Rosa desempenhou um papel significativo em sua educação, incentivando-a a estudar, ler e escrever. Ermínia sempre teve facilidade com redação e se destacava por suas ideias e colocações. Ela tinha o hábito constante de retirar livros da biblioteca para levar para casa, onde os devorava rapidamente para pegar outros.

Em 1961, fez parte da primeira turma a se formar no Ginásio Santiaguense, e posteriormente graduou-se na primeira turma de normalistas da Colégio Normal Santiaguense. Antes de concluir o curso, em 1962, Ermínia casou-se com Laerte da Silva Resende e, ainda estudante, tornou-se mãe. Embora enfrentasse dificuldades para continuar seus estudos, ela perseverou, incentivada pelo Monsenhor Eloi, contando com o apoio de sua mãe, sogra e esposo.

Já cursando a graduação, começou a trabalhar como regente de turma no Grupo Escolar “Afonso Pena Júnior”.

Ermínia licenciou-se em Pedagogia, com especialização em Orientação Educacional e fez pós-graduação em Psicopedagogia. Esse último curso a transformou em uma pessoa ainda mais solidária. Durante sua carreira trabalhou paralelamente como professora e orientadora educacional no Ensino Fundamental e Médio, enfrentando desafios, incluindo viagens constantes aos fins de semana para Divinópolis, a fim de concluir seus estudos.

De 1980 a 1984, por indicação, ocupou o cargo de diretora do Grupo Escolar, hoje Escola Estadual de “Mercês de Água Limpa” em Capelinha. Ermínia considera esse período o melhor de sua vida, sendo bem recebida pela comunidade e realizando um excelente trabalho tanto na comunidade escolar como na cidade e nas áreas rurais. Colaborava com os pais, famílias, a paróquia, entre outros. Durante esse tempo, continuou morando em São Tiago, e o generoso colega de trabalho, Tomás de Freitas a levava até a escola juntamente com outras professoras.

Participou de diversos congressos e seminários em cidades como: São João del-Rei, Divinópolis e Juiz de Fora.

Sobre sua família, é grande, com 14 netos e uma bisneta, além de cinco filhos e a adoção judicial de um menino aos seis anos de idade.

Embora tenha parado de escrever há cerca de 10 anos, Ermínia tem vários textos publicados e dois livros, “Acasos são Estes os Sítios Formosos” de 2008 e “Lírios Eterno Amor” de 2013. Aposentou-se como professora em 1989, e como orientadora educacional, em 2004. Atualmente, divide seu tempo entre o esposo, a família, suas orações e leituras.

Parabéns, D. Ermínia, e parabéns a todos os professores de São Tiago!

Maria Elena Caputo
Membro do IHGST



AS FOLHAS DA ÁRVORE CAPUTO

Uma boa história sustenta a si mesma não necessitando que a defendam. Uma boa história faz com que o futuro volte a repeti-la inúmeras vezes demonstrando a sua força e seu propósito. Então, de novo podemos ver os três irmãos Caputo partindo da Itália, talvez fugindo como clandestinos do serviço militar e das difíceis condições econômicas e socioculturais que afligiam a população no período pós Unificação do Estado Italiano. Desembarcaram no Estado de São Paulo. Como tantos compatriotas, logo ao fazer seu registro de entrada no país, tiveram seus nomes alterados e brasileiros. Felice, Raffaele e Francesco (da esquerda para a direita na foto) logo se transformaram em Felício, Rafael e Francisco. Se o resto ainda segue sendo história sabe-se que Rafael e Felício se instalaram na região de São Tiago e Francisco traçou seu rumo a partir do Rio de Janeiro.



As pessoas se sentem confortáveis procurando padrões e comportamentos que se repetem para explicar algo não óbvio. Os Caputo, então, são rotulados com uma lista pitoresca e informal de afirmativas. Os Caputo gostam de comer, principalmente carne (Sim!). Os Caputo são inteligentes. Os Caputo não gostam de tomar banho (Eu gosto!). Os Caputo são alegres e com uma grande capacidade de se envolver em situações engraçadas. E etc.

Singelamente os Caputo formam uma família como outra qualquer, com felizes e tristes, cabeçudos e inteligentes, trabalhadores e preguiçosos, centrados e doidos, bonitos e feios, como uma grande gaveta com temperos para muitas receitas.

É interessante ter este nome que mesmo não sendo tão raro quanto acreditávamos antes da internet ainda é muito distinto.

Se uma família é uma entidade com propósitos definidos, um destes é procriar e aumentar, se desenvolver, conseguir sucesso nos vários setores da vida usando uma boa dose de ambição sábia. Deveria também o de ser um bloco de pessoas esparramadas pelo espaço e pelo tempo tendo na avaliação de sua reputação a qualidade de serem

boas pessoas, de bom coração e generosas no possível. Pessoas que facilmente sejam lembradas.

Acredito que conseguimos.

Obs.: os representantes da família Caputo que serão retratados a seguir surgem de uma amostra leve e despreziosa, sem avaliação de qualquer tipo de importância. Considerou-se mais a proximidade com o presente facilitando a pesquisa ou a presença de informações fundamentais ou divertidas.

Por Fabio Antônio Caputo



• RAFAEL CAPUTO

Rafael Caputo (1914-1993) nasceu na Florinda. Era neto dos imigrantes Felício e Rafael e filho de José Pedro Caputo (Sapicado) e Carmelina Maria Caputo (Nhanhá). Casou-se duas vezes: com Salima Mattar Caputo e depois com Maria José Carvalho Caputo (Zeca). Teve como filhos Ermínia, Arimatéia, Giselda, Naide, Fernando, Tibimba, Salima, Maria do Carmo e adotou Maria da Conceição.



Foi pioneiro no ramo de panificação em São Tiago e o seu Pão Combate era famoso e ainda repercute em lembranças saudosas. Numa época em que os biscoitos eram produzidos na intimidade dos lares para consumo próprio ir a Padaria Santo Antônio comprar pão de trigo tinha um significado que talvez hoje seja impossível entender.

Era uma figura miúda, magra, muito esperta e exibia a elasticidade de suas juntas tocando facilmente a cabeça com os pés. Era um provocador bem humorado e delicado, instigando a todos com observações interessantes e perguntas inesperadas.

Demonstrava ser um exímio jogador de sinuca e bilhar, ampliando o pequeno corpo em busca das melhores tacadas. No futebol o seu coração era prioritariamente do Cruzeiro de São Tiago e não de algum time do Rio de Janeiro como era a moda.

Considerava importante se informar utilizando o rádio e assinando jornais e revistas. Buscava conexões com o mundo através dos ramos da cultura e da arte: filmes, música e livros formavam um universo de seu interesse e preferência.

Possuía um sentido religioso que migrava de leituras bíblicas para preocupações de cunho humanístico. O senhor Rafael Caputo, a seu modo, apesar de brincalhão, não desperdiçava a vida com coisas fúteis e vazias.

Com colaboração de Salima Carvalho Caputo Fernandes

• NILSON CAPUTO DE RESENDE

Nilson Caputo de Resende (1931- 2017) era filho de Gabriel Caputo de Resende e Maria Francisca Mendes.

Casou-se com Maria da Conceição Caputo Resende (Inha). Teve como filhas Carmen, Viviane e Wanessa.

Trabalhou por tempo significativo no Armazém Mendes, de propriedade do importante comerciante e político Vicente Mendes. Pode-se concluir sem muito receio de erro que a proximidade com o Senhor Vicente Mendes possa tê-lo atraído para a política partidária, sendo eleito vereador na gestão 1967-1971 e posteriormente prefeito, no mandato-tampão do biênio 1971-1973.

O Senhor Nilson Caputo conseguiu uma proeza política interessante. Depois de Otavio Leal Pacheco passaram-se décadas até que um candidato a prefeito fosse eleito à margem das duas correntes que dividiam a política de São Tiago, os grupos de famílias liderados pelos Pereira e pelos Mata. Além de ser político ele gostava de política, tornando-se bem conhecido no município.

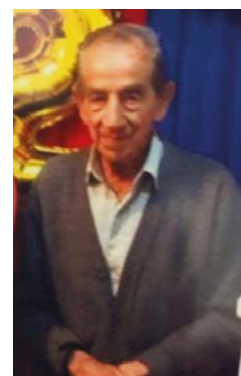
Ele se transformou em um mestre na arte de ser padrinho. Estima-se que ele contabilizava mais de 500 afilhados de batismo e casamento.

O senhor Nilson Caputo era muito bem quisto pelos moradores do Distrito de Mercês de Água Limpa (Capelinha), onde inclusive batiza o campo de futebol, o Estádio Nilson Caputo. Certo dia a família recebeu com felicidade a banda musical de Capelinha, a Lira Nossa Senhora das Mercês, invadindo de surpresa sua casa em São Tiago, tocando músicas em sua homenagem.

No âmbito público era uma pessoa tranquila, de trato fácil e acessível. No âmbito familiar era um pai e um avô amoroso.

Gostava de sua pinguinha, que apreciava sem exageros.

Com colaboração de Wanessa Auxiliadora Caputo



• JOSÉ CAPUTO (CAPUTINHO)

José Caputo (1905-2005) era filho de Luiz Caputo e Jovina Carmem da Mata e neto do imigrante Felício Caputo. Casou-se duas vezes sendo uma com Olinta e posteriormente com a viúva Maria de Lourdes. Curiosamente suas duas esposas sanjoanenses eram cunhadas entre si. Não teve filhos.

Foi um comerciante respeitado e de prestígio. Manteve por anos a Casa Caputo em São Joao Del Rei, na Av. Tancredo Neves, imediações do antigo posto de gasolina desativado. Seu comércio atacadista era uma espécie de empório. A loja era abarrotada de produtos: aviamentos, pentes, bolsas, material escolar e mais uma infinidade de miudezas.

Caputinho era um homem de hábitos, com rotinas cotidianas bem definidas. Talvez até pudesse ser considerado sistemático. A população de São Tiago sempre foi dependente de São João Del Rei para atender suas demandas de saúde, justiça, serviços cartoriais e de comércio mais especializado. Viajar até a terra vizinha era necessário, natural e corriqueiro. Caputinho fazia questão e demonstrava satisfação em convidar os seus conterrâneos em viagem para almoçar em sua residência, mas com uma condição: que fosse às 11 horas em ponto. Não cumprir a regra levaria à postergação do convite para outra oportunidade a combinar.

Religioso e caridoso era querido nas duas cidades. Foi benemérito para instituições e igrejas. Os Vicentinos muito o estimam pela ajuda dada para a construção do Salão da SSVPaulo, destinado às reuniões das Conferências Vicentinas, anexo a Casinha da Caridade.

Contribuiu de forma importante com a construção de um novo salão para a APAE de São Tiago, ao lado da Cooperativa. Uma das duas casas que possuía em São Tiago, na rua Cap. Vicente Gaudêncio, foi doada para o Albergue São Francisco de Assis.

Com colaboração de Raul Wilson da Mata



• LUIZ CAPUTO

Luiz Caputo (1880-1963) era filho do imigrante Felício Caputo e de Clara Almeida. Casou-se duas vezes: com Jovina Carmem da Mata e depois com a viúva Trinda-de de Jesus. Seus filhos foram Caputinho, Sinhá, Luiza, Odete, Marina e Iracema, todos do primeiro casamento.

A imagem mais tardia que o senhor Luiz Caputo deixou no início da década de 60 era de um tipo "italianado", paletó, talvez cachecol, boina, barba comprida, anel grande no dedo e unhas compridas. Ele oferecia o anel para um beijo de respeito aos netos e bisnetos.

Como um empresário bem sucedido mantinha importantes relações comerciais e sociais no Rio de Janeiro, capital da república.

Não escapou, porém, de ser vítima de um golpe perpetrado por estelionatários espanhóis que levou ele e seu amigo Chico Palumbo a perambular um ano pela Espanha atrás de uma herança de mentira. Arrastados para situações constrangedoras envolvendo pessoas desonestas e corruptas acabaram também se tornando suspeitos frente às autoridades espanholas. Voltou ao Brasil sem ter nada conseguido, foi preso e teve seu retrato exposto no jornal. Livrou-se da prisão pelo seu prestígio com as pessoas certas.

Foi proprietário da Pensão Santa Terezinha, na esquina da Rua Cel. Benjamim Guimarães com a Rua Dr. Augusto Viegas onde hoje é uma drogaria. A pensão atendia aos Viajantes que necessitassem de pernoite. Viajantes eram representantes comerciais ambulantes que faziam a praça atendendo aos pedidos de mercadoria.

Uma história de origem desconhecida e de veracidade não comprovada conta que certo dia um Viajante na hora das despedidas perguntou ao Senhor Luiz se ele dormia com as cobertas sobre a barba comprida ou com a barba por cima das cobertas.

Gastou um bom tempo para voltar a dormir tranquilo, sem se preocupar com qual opção seria a certa.

Com a colaboração de Raul Wilson da Mata



• RAUL WILSON DA MATA

Raul Wilson da Mata nasceu em 1936, filho de Joaquim Vivas da Mata (Zizi) e Marina Caputo. Casou-se com Lêda Vivas da Mata, tendo como filhos Diana, Ricardo, Adriana, Andreia e Ana Lúcia.

Sendo bisneto dos italianos originais o Senhor Raul é o exemplo escolhido para representante da família que perdeu o Caputo na tradição matrimonial de se manter o nome da parte masculina.

Seguindo os passos do pai que foi o primeiro prefeito de São Tiago ele também foi prefeito nos mandatos de 1967-1971 e 1977-1983 considerando a sua maior realização a construção do atual prédio da Prefeitura Municipal.

Foi versátil nas atividades que desenvolveu. Além de político trabalhou no Banco Nacional, foi provedor do hospital e goleiro do 1º quadro do time do Cruzeiro (baixinho, porém ágil e esperto).

Como um dos fundadores do Ginásio Santiaguense assumiu a cadeira de matemática. Se esta maravilhosa matéria é considerada tão terrível, o fato de ser querido por seus ex-alunos diz algo a seu respeito.

Em dias tão difíceis que tornam a honestidade algo a ser elogiado, e não o mínimo esperado, uma opinião de ordem geral bem fundamentada entre muitos exalta a sua idoneidade e integridade.

Aposentado, arrumou um pequeno galpão no final da Rua do Capim. Lá juntou suas ferramentas, suas tralhas e material reciclável. É para arejar a cabeça, consertar coisas mais simples e fazer pequenos serviços de marcenaria, como por exemplo, brinquedos e cestas de madeira. Consertar e construir, de uma maneira mais leve do que quando era um homem público.

Com colaboração de Raul Wilson da Mata.



• GERALDO CAPUTO

Geraldo Caputo (1930-1973) era filho de João Evangelista Caputo e Clara Gaudêncio de Souza. Casou-se com Maria do Rosário Campos.

Famílias numerosas como a do Maeca, do Cleto e do Geraldo Martins, por exemplo, nos oferecem a oportunidade de praticar um inocente jogo de salão: lembrar o nome de todos os filhos, se possível na ordem certa, e se o sétimo filho for homem verificar se ele é ou não é um lobisomem. A família do senhor Geraldo Caputo é definitivamente peculiar listando os seguintes filhos: Maria da Graça, Roseraldo, Rogério, Roseran, Rosalvo, Rosauo, Rogelson, Roginaldo, Rogilson, Roginei, Rosangelo, Rosenan, Rogildo e Maria Glauca.

O senhor Geraldo Caputo abriu a Oficina Mecânica N.S. das Graças, de sua devoção, construindo o galpão que posteriormente se tornou conhecido como Garagem. Se hoje em dia o serviço de mecânico é trocar peças, em sua oficina a ordem era consertar. Abrir, localizar o problema e saná-lo. Esta oficina serviu de escola para muita gente inclusive filhos e afilhados, que ali desenvolveram suas habilidades mecânicas e de pintura automotiva.

A primeira bomba de gasolina de São Tiago foi instalada quase em frente à sua oficina.

Muitos representantes da família Caputo tem sua história alinhada com a do time Cruzeiro Esporte Clube e com ele não seria diferente. O campo de futebol no Bairro Cruzeiro foi reformado, reinaugurado e batizado como Estádio Geraldo Caputo.

Faleceu cedo, aos 43 anos incompletos, mas seu tempo de vida mais breve que o esperado foi suficiente para deixar uma lembrança sólida, respeitosa e agradecida para muitos que o conheceram.

Com colaboração de Maria da Graça C. Caputo Oliveira.



DE POETA E LOUCO TODOS TÊM UM POUCO



SANJOANIDADES

MESTRE NÃO É QUEM SEMPRE ENSINA,
 MAS QUEM DE REPENTE APRENDE
 [Guimarães Rosa: Grande Sertão: Veredas]

BANDA TEODORO DE FARIA (20-01-92)

Salve Banda de todos querida,
 Parabéns! Nós cantamos-te, pois
 A cidade tu enches de vida
 Desde mil novecentos e dois.

Suscitar entre os jovens os dons
 Pela música esta é tua missão.
 E, nesta arte divina dos sons,
 És o orgulho e o fanal de São João.

Quando passas, levando harmonia,
 Entre as alas, as rezas e os sinos,
 São penhores de nossa ufanía
 Teus dobrados, tuas marchas, teus hinos.

Nas retretas, desfiles, serestas,
 Tua presença foi sempre alegria.
 Eis porque te saudamos em festas:
 Salve Banda Teodoro Faria!

COROINHAS DE DOM BOSCO

Nesta igreja de Nossa Senhora
 Do Pilar, de neoclássicas linhas,
 Foi que um padre, que em Deus hoje mora,
 Nos chamou para ser coroinhas.

Coroinhas de Dom Bosco
 Nós juramos ao Senhor
 Que contar pode conosco
 Sempre em tudo a seu dispor!

Somos jovens, sorri-nos a vida,
 Mas a vida outra glória não tem
 Que servir, na Igreja querida,
 A Jesus e a Maria também.

Em nossa alma mais forte que tudo
 Vive a graça divina a esplendor
 Qual sinal ou qual rútilo escudo
 Da coragem cristã de viver.

De Maria os meigos olhares
 Nos sugerem viver na alegria
 Junto à mesa de nossos altares,
 Nos nutrindo da Eucaristia.

Pelo canto litúrgico, às vozes
 Nós erguemos em júbilo aos céus,
 Procurando fazer que velozes
 Muitas almas se elevem a Deus.
 Para a messe que vasta loureja
 Possa Deus entre nós escolher
 Sacerdotes que saibam na Igreja
 Bons serviços prestar com prazer.

CATEQUISTAS (2011)

Catequistas! Sorri-nos a vida!
 Mas, a vida outra glória não tem
 Que de sermos na Igreja querida
 Semeadoras da luz e do bem.

Trabalhar por Jesus e Maria
 E por Deus, nosso Pai, nosso Bem,
 É na terra a mais doce alegria
 E, no céu, nossa glória também.

Eia, pois, vamos juntas, cantando,
Semear as sementes do amor.
Nas crianças que, lindas, em bando,
Vêm em busca de Nosso Senhor.

Para elas, de Deus preferidas,
Que nos pedem palavras de luz,
Lhes diremos: crianças queridas
Seja o vosso viver só Jesus!

DAMAS SALESIANAS (2005)

De Caracas para a Igreja,
Desde a linda Venezuela,
Sobre a messe que loureja,
Uma luz brilhou mais bela.

Luz de nova Associação,
Que o mundo todo alcança,
De mulheres que serão
Semeadoras de Esperança.

Elas têm o dom divino
Que confunde até os sábios:
Do talento feminino,
Do sorriso à flor dos lábios.

Com Maria Auxiliadora,
Com Dom Bosco e Margarida,
É falange empreendedora,
Com Jesus comprometida.

Pelo Espírito movidas,
A salvar vidas humanas,
São mulheres decididas,
São as Damas Salesianas.

SANTA CRUZ DE MINAS (2015)

Deus te salve, cidade faceira,
Gema pura engastada na serra,
Tua gente, feliz, prazenteira,
Te proclama a mais linda da terra.

Santa Cruz, Santa Cruz, Cruz de Minas,
Marco zero da Estrada Real,
Destas tuas alegres colinas
Se encantou o emboaba Marçal.

Na riqueza do artesanato,
Bem mais nobre que o ouro de outrora,
Encontraste o caminho, de fato,
De vencer as agruras de agora.

Brilha o sol no cascalho das catas,
Cantam aves nas margens do rio,
Tudo é luz, tudo é paz, em tuas matas:
Um convite a viver – Desafio!

ASAP DE SÃO JOÃO DEL-REI

Nesta terra de São João del-Rei,
Pátria mãe do herói Tiradentes,
Hoje vê-se de heróis nova grei,
Da história fazendo-se agentes.

Associados da ASAP, eia, ovantes!
Cantai todos, conosco, este hino!
Bem unidos, quais jovens amantes,
Construamos o nosso destino!

Pensionistas e Aposentados,
Voluntários de múltiplos jeitos,
Todos juntos, na ASAP irmanados,
Defendamos os nossos direitos!

Nossa vida terá mais vantagens
Se, em comum, nós lutarmos por elas;
Do futuro as incertas miragens
Realidades serão e quão belas.

Vinde, pois, ingressai neste grêmio
Quem tiver, para tal, condições.
Aqui temos, da vida qual prêmio,
Bons momentos e mil promoções.

SANTÍSSIMA TRINDADE DE TIRADENTES

Com sua serra de auras tão puras,
Tiradentes a orar nos conclama,
E nos diz: Glória a Deus nas alturas!
Cantai todos ao Pai que nos ama!

Glória a Deus! Seja o canto infinito
Como o incenso a evolar-se no além.
Glória ao Pai, glória ao Filho bendito
E ao Espírito Santo também!

Ó Trindade Santíssima ouvi-nos:
Dai-nos Fé, Esperança e Amor!
E felizes, ao céu conduzi-nos
Onde a vós cantaremos louvor.

Glória a Deus! Seja o canto infinito
Como o incenso a evolar-se no além.
Glória ao Pai, glória ao Filho bendito
E ao Espírito Santo. Amém!

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE S. J. DEL-REI (2020)

Vigil sentinela, em guarita avançada,
Qual anjo da guarda, qual nume seráfico,
Cuidando da grei.
Assim é quem zela da herança passada,
Tal qual o Instituto Histórico e Geográfico
De São João del-Rei

Salve Casa das lutas herdeira
De um passado de glória imortal!
Viva chama que vela altaneira
Em defesa da história local.

Na pátria materna do herói Tiradentes,
De Bárbara Bela e dos templos divinos
Erguidos ao céu,
Tu és, Instituto, com brados frequentes,
A voz desta culta cidade dos sinos,
Briosa e Fiel.

Salve Casa das lutas herdeira
Dum passado de glória imortal!
Viva chama que vela altaneira
Em defesa da história local.

CAPELA DE FÁTIMA - AS ÚLTIMAS QUATRO DÉCADAS

No dia 25 de setembro de 1982, Sandra e eu nos casamos na Capela de Fátima, na saída para Mercês de Água Limpa. A escolha do lugar deu-se mais pelo medo de parecer conservador demais escolhendo a Matriz, com todos seus rituais e a vigilância social dos presentes, e menos pelo desejo de ser diferente, ou, descolado no dialeto atual. Mesmo com alguma dificuldade e relutância o Monseñor permitiu. Por não poder estar presente na data marcada permitiu também que chamássemos um reverendo de fora, o Padre Tertuliano, para a celebração. Enfeitamos a entrada do terreno com arcos de bambu e flores. Como a capela não comportava quase ninguém se improvisou uma mesa simples na entrada para servir de altar. Os convidados ficaram de pé no terraço frente à Capela. Um ônibus da empresa São Vicente, talvez, passou jogando no ar uma imensa nuvem de poeira que depois se transformou numa chuva de pó de benção que nos protegeu nos próximos 41 anos.

O pequeno templo está localizado em posição privilegiada, no alto do morro além do Campo do Cruzeiro e do Bairro Nações Unidas. Já foi opção de passeio em épocas mais simples, oferecendo uma espetacular vista de vários horizontes em sequencia radial. Pessoas contemplativas e grupos de jovens no eterno ritual de discutir a vida também usufruíam do local.

Nos anos subsequentes Monsenhor Francisco efetuou intervenções drásticas nas dimensões, arquitetura e estética da edificação.

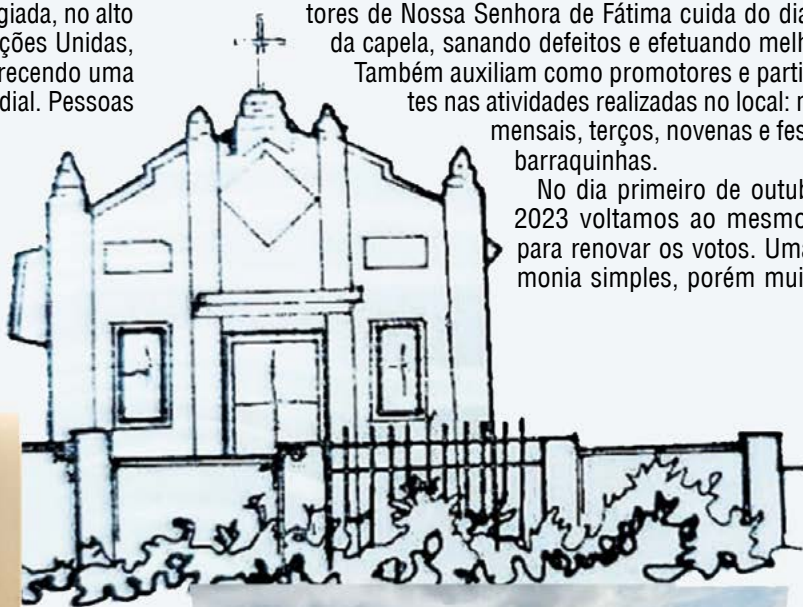
transformou em abandono. Sem o interesse da população e de vários párcos com seus motivos, a falta de utilização e manutenção, como é de conhecimento de todos, castiga as construções, levando em casos extremos a ruína.

Com a chegada à paróquia do Padre Sebastião as coisas começaram a mudar. Iniciativas de manutenção e conservação no âmbito geral e em particular na recuperação da capela foram levadas a cabo. Uma nova reforma ampliou ainda mais o interior do templo. Pinturas, pisos, revestimentos e acabamentos foram revistos e por consequência e necessidade a maior parte das inscrições das paredes desapareceu. O Instituto Histórico e Geográfico restaurou os antigos púlpito e o confessionário e acrescentou-os ao seu acervo. Na prática a capela se transformou em uma igreja pequenina, simpática, acolhedora e confortável.

Um conjunto de paroquianos do bairro denominado Grupo de Pastores de Nossa Senhora de Fátima cuida do dia a dia da capela, sanando defeitos e efetuando melhorias.

Também auxiliam como promotores e participantes nas atividades realizadas no local: missas mensais, terços, novenas e festas de barraquinhas.

No dia primeiro de outubro de 2023 voltamos ao mesmo local para renovar os votos. Uma cerimonia simples, porém muito bo-



Construiu duas pequenas alas laterais e acrescentou uma nave além da porta principal. Cobriu boa parte das paredes externas e algumas internas com figuras e textos sobre personagens e acontecimentos históricos importantes para o País. Sua iniciativa culminou na constituição do Santuário Senhor dos Montes e Santuário Deus Pátria, que receberam uma benção festiva com direito a autoridades e banda de música em 09/12/1984. Era uma homenagem às Forças Armadas Brasileiras, nascida da condição de ex-combatente do Monsenhor Francisco. Não se pode faltar com o devido respeito à memória, à importância e à obra de um dos mais importantes párcos de São Tiago, mas sem crueldade ou insensibilidade pode se dizer que tudo ficou muito parecido com páginas de livros de O.S.P.B. e Moral e Cívica. Algo estranho, que parecia estar fora do lugar. Algo que faria um passante virar o pescoço e olhar para trás para entender o que estava acontecendo.

Após o falecimento do Monsenhor Francisco que, no final das contas era a motivação e a razão de ser de tudo aquilo, o conjunto civil e religioso caiu em esquecimento. Este esquecimento logo se

nita tendo à frente Diácono Rogério, envolveu a todos os presentes. Em certo instante percebi que hoje o altar ocupa aproximadamente o mesmo lugar onde ficou nossa mesa cerimonial improvisada em 1982. Se a emotividade faz parte de mim não me importo de dizer que contribuí com uma ou duas lágrimas. Discretas!

Sandra e eu somos parceiros e parciais, não isentos. O nosso local de casamento sempre será a Capelinha de Fátima, não importando a denominação atual. Dizem que as pessoas não gostam de ir à missa naquele local. Ser afastado, longe e exigir subir um morro são dificuldades a serem vencidas, mas não se equiparam às dificuldades vencidas por aqueles que preencheram o vazio íntimo com uma boa dose de fé. Estes vencedores e todos mais deveriam dar uma chance à Capelinha, onde a Senhora de Fátima os espera.

Fabio Antônio Caputo

A ponte

Rogério Medeiros Garcia de Lima
Desembargador do TJMG

São João del-Rei,
 Minha terra,
 Tem pontes.
 Pontes seculares.
 Da Cadeia e do Rosário.
 Ligam passado, presente e futuro.
 Testemunham histórias.
 Pontes inconfidentes:
 Tiradentes queria transpor
 O rio da opressão
 Até a margem da liberdade.
 Pontes da democracia:
 Tancredo transpôs
 O rio do autoritarismo
 No rumo da redemocratização.
 Também ligam
 Tristeza e alegria;

Descrença e fé;
 Procissão e carnaval.
 Saudade e reencontro;
 Silêncio e musicalidade;
 Angústia e sossego;
 Derrota e vitória;
 Morte e vida.
 Minas é travessia.
 Grande sertão: veredas,
 de Guimarães Rosa.
 Dois poetas,
 Milton e Brant,
 Soltam a voz
 Nas estradas.
 Já não podem parar
 De sonhar.



Fonte: Revista MagisCultura Mineira



Sr. Adail R. Lima e seu filho João Batista

Nossa homenagem/cumprimentos ao distinto conterrâneo Sr. Adail Rodrigues Lima, ao ensejo de seu centenário (1923 – 2023).

Votos de profícua existência brindando-nos ainda (ele fará 101 anos em janeiro/2024) com sua lucidez, sabedoria e vitalidade por muitos anos.

Quilombo: a luta por liberdade na formação de Minas nos séculos XVIII e XIX

Em parceria entre EM e Rede de Historiadores Negros, pesquisadora descortina a organização dos negros para conquistar a liberdade

Simone de Assis*

A região de Minas Gerais, habitada pelos Cataguases, Bororos, Krenaks, Puris, dentre demais povos originários, começou a ser apropriada pelos povos brancos no fim do século XVII. A descoberta das minas de ouro, metais preciosos e recursos ambientais foram elementos constituintes para invasão e exploração do território. As pessoas negras, na condição de escravizadas, formavam a principal força trabalhadora nas áreas de mineração e plantio.

Desse modo, a consolidação da colonial sociedade mineira foi embalada por temores e truculências senhoriais, que cientes da organização e resistência negra através de comunidades quilombolas, como Palmares no nordeste brasileiro, denotavam receios de que o mesmo rearranjo social acontecesse nas montanhas e vales de Minas, de acordo com Carlos Magno Guimarães (1996).

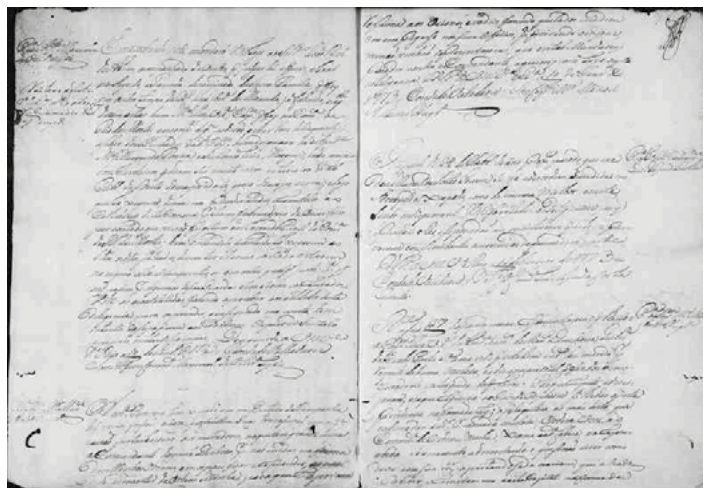
O que de fato ocorreu. Já que um dos aspectos históricoculturais da presença negra na formação da sociedade mineira foi a mobilização dos escravizados contra o sistema do cativoiro. Dessa forma, no mínimo, 160 quilombos foram detectados durante o século XVIII em Minas Gerais. No entanto, foram aniquilados por determinação dos poderes e legislação régia. Todavia, não sem revide e estratégias de resistências na luta por liberdade. O quilombo do Ambrósio, na região de Campo Grande, é um dos mais renomados no território mineiro setecentista.

As manifestações quilombolas dizem respeito à experiência de fugas dos negros cativos, com o desejo de construir comunidades paralelas à sociedade colonial. Foi um dos meios de reorganização socio-cultural dos afrodescendentes contra o sistema escravista. Em Minas Gerais os quilombos não eram muito distantes dos locais urbanos de mineração. Costumavam ter dimensões físicas e habitações menores.

Dessa maneira, contavam com a cumplicidade dos negros ainda ligados ao cativoiro, que desenvolviam distintas estratégias de sobrevivência. Também contavam com a parceria de ameríndios, que, muitas vezes, coabitavam os mesmos lugares de renitência. Alguns quilombos, como os existentes na região das Vertentes, tinham o hábito de serem sazonais, conforme constatada Donald Ramos (1996).

Correspondência de 1739 sobre a existência de quilombos (foto: Reprodução)

No ano de 1722 as autoridades denominadas de capitães do



Cartas de governadores relatando a opressão aos quilombos

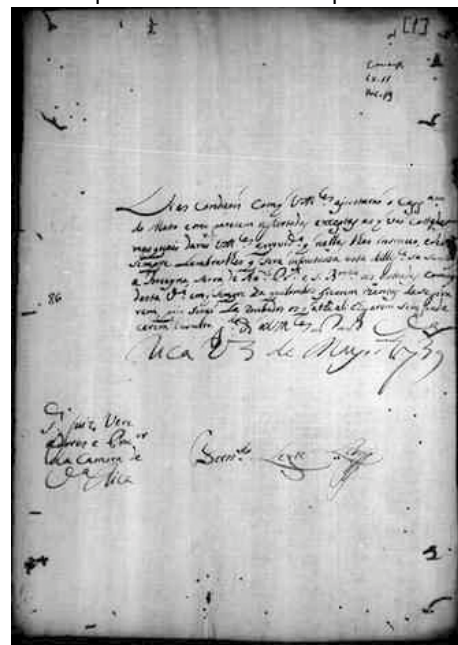
mato, responsáveis por perseguir e destruir as comunidades quilombolas, seguiam diretrizes das câmaras legislativas de Minas Gerais, como a de Vila Rica, que conceituavam quilombo como local “onde estejam acima de quatro [...] negros com ranchos, pilões, e modo de ali se conservarem.”

Os quilombos se conservavam e compunham o tecido da sociedade mineira setecentista. Não apenas desenvolvendo respostas de fugas ao sistema escravista ou vivendo de maneira isolada, pelo contrário, desenvolviam posturas combativas por meio de ataques e saques aos comerciantes, sobretudo quanto se tratava de cargas alimentícias e bélicas. Nesse sentido, a Coroa portuguesa ampliou as diretrizes de perseguição às comunidades quilombolas.

Em 1762, as Câmaras legislativas como a de Vila Rica determinaram que os quilombos de Minas Gerais fossem utilizados, ao menos duas vezes durante o mês, por agentes com a patente de Ordenança e/ou os Capitães do Mato. Todavia, os conflitos entre a ala

senhorial e as habitações comunitárias quilombolas, perduraram durante todo século XVIII nas capitânicas das Gerais, cujo os negros insubmissos lutavam pelo direito à uma vida digna e livre.

Maria Beatriz Nascimento (1982) pesquisadora de quilombos, em diferentes localidades brasileiras e do continente africano, explica que em Minas Gerais, entre os séculos XVIII e XIX, na Co-



marca do Rio das Mortes e em Carmo da Mata, os quilombolas eram também denominados por calhambolas, viviam sob a égide de um sistema comunitário de origem bantu, com práticas e estratégias geográficas de subsistências semelhantes às encontradas em Angola.

Ou seja, erguiam moradias em terras que lhes permitiam plantar e cultivar roças, viver em consonância com os ciclos da natureza, geralmente em lugares próximos ao curso d'água, de clima agradável e propício a receber irradiação solar, dentre demais fatores. Também locais que lhes permitiam experimentar momentos de tranquilidade e que despertavam a possibilidade de uma vida íntegra aos homens, mulheres e crianças diaspóricas.

A partir deste mote, Beatriz Nascimento detecta que um dos motivos pelos quais as autoridades coloniais determinavam para que frequentes invasões aos quilombos mineiros acontecessem,

estavam ligadas às disputas por terras produtivas.

Laura de Mello e Souza (1996) apresenta que os responsáveis pela expedição de combate as organizações quilombolas, comumente homens brancos, recebiam por pagamento o acesso a "sesmarias", isto é, acesso a lotes de terras, quando não o próprio perímetro quilombola demolido por eles e equipe expedicionária. Desse modo, Souza apresenta que as posses de terras por agrônomos e fazendeiros na região de Minas Gerais, no período colonial, são nebulosas e carregam contradições.

Souza sinaliza que as operações no quilombo do Ambrósio totalizaram gastos de um montante maior que 30 mil cruzados, retirados dos cofres das câmaras legislativas de Minas Gerais. Foram vários anos de luta, revide e enfretamento dos insubmissos ambrosianos que gozavam de um projeto político e de vida contrário aos ditames coloniais.

Lista Forbes das 100 Mulheres Doutoradas do Agro

Uma delas a sãothiaguense Dr^a Mariane Rodrigues

No Dia Internacional da Mulher Rural, confira por que elas estão indo para o mercado mais preparadas para os desafios de produzir alimentos, fibras e bioenergia

No Dia Internacional da Mulher Rural, 15 de outubro, a Forbes faz uma homenagem àquelas que se dedicam a longos anos de estudos, em busca de seus doutorados, cujas consequências levam ao avanço da produção de alimentos, fibras e bioenergia. A data foi criada pela ONU (Organização das Nações Unidas) em 1995.

O número de mulheres com doutorado tem crescido no Bra-



PHIRAPHONRUEWIANGPHING/GUETTYIMAGES

Mulheres estão buscando mais por título de doutoras também no agro

sil. Os dados mais recentes da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), mostram que em seis anos, entre 2013 e 2019, houve um crescimento anual de 61% no número de doutoras no país. No total, as mulheres passaram de 8.315 para 13.419, superando os homens, que foram de 7.336 para 11.013, no mesmo período.

No agro, as mulheres doutoras não estão apenas na academia – universidades e faculdades – ou nas instituições representativas, como é o caso da Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), um dos maiores redutos de talentos femininos na pesquisa. Cada vez mais, as empresas do agronegócio buscam por mulheres com esse título para integrarem seus quadros em funções de alta gestão ou que sinalizam para lá.

Essas mulheres doutoras representam uma nova geração no campo, altamente especializada, como mostra a lista das 100 mulheres doutoras preparada pela Forbes. O doutorado, também conhecido como Ph.D. (Doctor of Philosophy), é o mais alto grau acadêmico que uma pessoa pode obter em uma determinada área do conhecimento. O pós-doutorado é considerado um aperfeiçoamento.



ARQUIVO PESSOAL

MARIANE RODRIGUES, DO SÍTIO FUNDO DA MATA

A produtora rural e engenheira agrônoma Mariane Rodrigues é doutora desde 2020 em fitotecnia, com ênfase em biofortificação de pitaya in vitro com selênio. Isso porque, a partir de 2017, ela tomou posse do Sítio Fundo da Mata, em São Thiago (MG), onde cultiva a fruta. Mariane também já escreveu um livro sobre ela, com o nome de "O Agronegócio da Pitaya".

À Dr^a Mariane os nossos cumprimentos e apreço.

Josué de Castro: 50 anos da imortalidade do cientista que estudou a Fome no Brasil

“Denunciei a fome como um flagelo fabricado pelos homens contra outros homens, assistiremos nos anos futuros ou a integração econômica do mundo ou a desintegração física do planeta. A paz depende mais do que nunca do equilíbrio econômico do mundo, a segurança social é mais importante do que a segurança nacional baseada nas armas.”



Alberes Simão | Recife

HISTÓRIA – Josué Apolônio de Castro, pernambucano de Recife, nasceu no dia 5 de setembro de 1908. Aos 21 anos, formou-se em medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, hoje, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e aos 29 anos, em Filosofia. Médico, professor, escritor, cientista, geógrafo, sociólogo, e, acima de tudo, Castro foi um humanista, a fome e a paz eram suas maiores obsessões.

Autodidata e poliglota, era apaixonado por cinema. Ele era também vaidoso e charmoso, aos seus 28 anos conheceu sua companheira, a ex miss Pernambuco Glauce do Rego Pinto, com quem compartilhou sua vida até sua morte, em 1973. Com ela viveu um romance de toda a vida e teve três filhos.

Em 1935, com apenas 27 anos de idade, produziu seu primeiro estudo sobre as condições de vida dos operários do Recife, um dos documentos mais contundentes que motivou a criação do salário mínimo no Brasil. Em sua trajetória, publicou 22 livros, traduzidos em mais de 25 idiomas, seu livro *Geografia da Fome*, de 1946, desenhou um panorama da fome no Brasil.

Em 1950, publicou *Geopolítica da Fome*, no qual fez um registro da miséria no Brasil e no mundo. Foi presidente da Organização para Alimentação e Agricultura (FAO), que é um organismo da Organização das Nações Unidas (ONU) para a alimentação e agricultura, foi deputado federal pelo PTB por dois mandatos, de 1955 a 1959 e 1959 a 1962, e foi embaixador do Brasil na ONU. Recebeu o prêmio Roosevelt pela Academia de Ciência Política e Sociais dos Estados Unidos da América, o Prêmio Internacional da Paz, o título de Cidadão do Mundo e duas vezes foi indicado ao prêmio Nobel da Paz.

Em 1964, o cientista Josué de Castro foi perseguido pela Ditadura Militar fascista e, conseqüentemente, foi aposentado compulsoriamente pela Escola de Filosofia do Rio de Janeiro. Assim, ele ficou afastado de suas funções como pesquisador. Josué de Castro em toda sua máxima pesquisa abordou e apontou causas e conseqüências da fome que mantinha à margem da dignidade humana os que estavam abaixo da linha da pobreza e, sobretudo, buscou alternativas para mudar este panorama.

Castro humanizou a geografia e a sociologia inserindo o ser humano e suas circunstâncias no mundo dos mapas e das estatísticas. Retratou miséria e desigualdades sem perder a esperança e sem deixar de propor soluções, ressaltando que a humanidade dispõe de recursos naturais, técnicos e financeiros suficientes para resolver este problema. Josué de Castro vem a falecer em 1973, com 65 anos, no seu exílio na França.

Morreu com saudades do seu país, onde ele pôde explorar a vida do nosso povo sob a margem do capitalismo que só produz fome e miséria, deixando a camada mais pobre em situação de extrema vulnerabilidade econômica.



JOSUÉ DE CASTRO

Josué de Castro destacou-se por seu traba-

lho sobre a Geografia da Fome no Brasil, bem como sobre suas causas e os meios para combatê-la.

Josué de Castro (1908-1973) foi um pensador e ativista político brasileiro nascido na cidade de Recife. Apesar de não ser geógrafo de formação (sua graduação era em medicina), tornou-se um dos maiores pensadores da Geografia, em virtude, principalmente, das obras *Geografia da Fome* e *Geopolítica da Fome*.

Além de sua formação em medicina, também foi livre-docente em Fisiologia (Faculdade de Medicina do Recife), professor catedrático de Geografia Humana (Faculdade de Ciências Sociais do Recife e na Universidade do Brasil) e de Antropologia (Universidade do Distrito Federal). Foi também embaixador do Brasil na ONU, em Genebra, além de ter sido eleito Deputado Federal pelo PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) em 1954 e em 1958. Como resultado da implantação do regime militar, mesmo tendo sido eleito o Deputado com maior número de votos no Nordeste, Josué de Castro teve seus direitos políticos cassados pelo Ato Institucional nº1 em 1964.

Castro caracterizou seu pensamento por romper com algumas falsas convicções que imperavam em seu período (e que ainda se fazem presentes nos dias atuais) de que a fome e a miséria do mundo eram resultantes do excesso populacional e da escassez de recursos naturais.

Em suas obras, provou que a questão da fome não se tratava do quantitativo de alimentos ou do número de habitantes, mas sim da má distribuição das riquezas, concentradas cada vez mais nas mãos de menos pessoas. Por isso, acreditava que a problemática da fome não seria resolvida com a ampliação da produção de alimentos, mas com a distribuição não só dos recursos, como também da terra para os trabalhadores nela produzirem, tornando-se um ferrenho defensor da reforma agrária.

GEOGRAFIA DA FOME

Logo no início de sua obra *Geografia da Fome*, Josué de Castro afirmou que “Interesses e preconceitos de ordem moral e de ordem política e econômica de nossa chamada civilização ocidental tornaram a fome um tema proibido, ou pelo menos pouco aconselhável de ser abordado”.

Nessa obra, o autor realizou um intenso trabalho no sentido de mapear toda a distribuição e concentração da fome no Brasil. O resultado foi a derrubada de alguns mitos: de que a fome decorria de influências climáticas ou de que tal processo era culpa da improdutividade da população que optava pelo ócio, argumentos bastante populares ainda hoje.

O autor dividiu o país em cinco regiões conforme as características alimentares de cada uma delas. Analisou as características naturais, bem como alguns processos históricos, como a colonização e as transformações políticas e econômicas de cada localidade. Assim, comprovou que a ocorrência da fome e da desnutrição da população não tinha relação com fatores naturais, mas sim políticos, sendo necessária a adoção de políticas de distribuição alimentar e a implantação da reforma agrária.

GEPOLÍTICA DA FOME

Nessa obra, diferentemente da primeira apresentada, Josué eleva a análise da fome a um nível internacional, regionalizando sua análise entre os continentes da América, África, Ásia e Europa.

Josué prossegue e confirma sua tese de que a questão da fome trata-se da má distribuição das riquezas e dos produtos, e não da escassez em termos quantitativos. Nesse sentido, ele demonstra como os processos de colonização e dependência econômica estão diretamente ligados à geração de pobreza e miséria extrema no mundo.

*Por Rodolfo Alves Pena
Graduado em Geografia*

PNI 50 anos: uma história de excelência, um momento de desafio.

Por cediipi

Hoje comemoramos o aniversário de 50 anos do Programa Nacional de Imunizações, o PNI.

O PNI é o responsável por centralizar e coordenar tudo que diz respeito à vacinação no Brasil: compra e distribuição dos imunizantes para a rede pública de saúde, incorporação das vacinas nos calendários, logística de conservação das vacinas, distribuição de insumos para as aplicações, etc.

Além disso, o PNI concentra a importante missão de coordenar as campanhas de vacinação no Brasil.

As campanhas de vacinação criaram ao longo dos anos uma forte identificação com a população e com as crianças, principalmente por meio do mascote Zê Gotinha. Elas foram determinantes para o controle de doenças no Brasil, a partir do final dos anos 80.

HISTÓRIA DO PNI

Há 50 anos, no dia 18 de setembro de 1973, foram definidas as diretrizes para a criação do Programa Nacional de Imunizações, o PNI. Até então, a vacinação nos estados e municípios era descentralizada, o que refletia na baixa adesão à vacinação.

Hoje, meio século depois, comemoramos a criação de um dos maiores programas de vacinação pública do mundo.

“A administração da vacina sempre foi responsabilidade do município, mas nunca isoladamente, sempre houve participação do estado, como gestor, e do governo federal. E aí, quando houve a centralização, a coisa engrenou de vez”, afirma o pediatra Gabriel Oselka, médico do corpo clínico da CEDIPI, professor emérito da USP e membro da Comissão Permanente de Assessoramento em Imunizações da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo.

Ele também fez parte do CTAI (Comitê Técnico de Assessoramento de Imunizações do Ministério da Saúde).

De acordo com o Dr. Gabriel, o sucesso que levou o PNI a se tornar referência mundial em imunização está no fato de que a qualidade dos profissionais e a do programa como um todo apresentaram uma forte resistência até mesmo às mudanças de governo.

“Apesar das mudanças na Presidência, dos ministros [da Saúde], de pensamento e talvez até de linha ideológica, o fato é que o programa persistiu. E persistiu porque quem esteve lá desde a sua criação, as pessoas responsáveis por gestar esse programa, os que eu chamo de persistentes do programa, durante décadas conseguiram segurar o PNI, e isso se reflete também na população”, afirma.

OS DESAFIOS DO PNI

Nos últimos anos, porém, a adesão da população às vacinas previstas no PNI vem caindo.

Há quatro anos que o Brasil não atinge a meta de vacinação determinada pelo Ministério da Saúde, que varia de 90% a 95%.

A baixa vai desde a campanha anual contra a Influenza (o vírus da gripe), que não alcançou 70% do público-alvo neste ano, até doenças que ameaçam retornar ao Brasil, como a própria poliomielite.

Como explica a Dra. Mônica Levi, presidente da Sociedade Brasileira de Imunizações (SBIIm), o atual cenário também é reflexo da perda de percepção de risco para determinadas doenças: “À medida que a população vai sendo vacinada, as pessoas não vêem as doenças circulando mais e a percepção de risco vai lá pra baixo. Pessoas jovens pararam de temer as doenças e começaram a temer efeitos adversos das vacinas, que apresentam riscos disparadamente menores. Tivemos, ainda, um posicionamento do governo federal contrário às vacinas no lugar do estímulo, potencializando esse medo.”

UMA ESPERANÇA PARA O FUTURO

Mesmo em um cenário desafiador como o que se encontra a vacinação no Brasil, Dra. Mônica tem uma boa expectativa acerca da vacinação no Brasil nos próximos meses: “Acho que ainda não está tudo resolvido, não é de uma hora para outra que tudo vai melhorar, porém acredito que existe intenção e boa vontade do governo. A perspectiva para 2024 é positiva e acreditamos que ao longo dos anos a situação da vacinação no Brasil progrida, a exemplo do que foi no passado”.

Com informações do Jornal Folha de S. Paulo, UOL e o Globo.

PNI 50 anos

Uma história de excelência, um momento de desafio.

PROGRAMA NACIONAL DE IMUNIZAÇÕES

50 ANOS



Biografia de Rumi - 750 anos de falecimento



RUMI

Rumi (1207-1273) foi um poeta e mestre espiritual persa do século XIII. Seus poemas adquiriram grande popularidade principalmente entre os persas do Afeganistão, Irã e Tajiquistão.

Rumi nasceu em Balkh, no atual Afeganistão, no dia 30 de setembro de 1207. Seu pai foi um teólogo e pregador islâmico. Entre 1215 e 1220, quando os mongóis invadiram a Ásia Central, Rumi, sua família e alguns discípulos deixaram sua cidade, migrando para terras muçulmanas, incluindo Bagdá, Damasco, entre outras. Depois de peregrinarem para Meca, se instalaram em Konya, na atual Turquia Ocidental.

Em 1231, Rumi se tornou discípulo de Sayyed Burhan ud-Din Muhaqqiq Termazi, um dos alunos de seu pai. Com a morte de seu pai, Rumi herdou a posição espiritual que ele ocupava. Tornou-se professor e teólogo e pregava nas mesquitas de Konya.

Rumi passou a maior parte dos últimos anos de sua vida em Anatólia, dedicado em terminar sua obra prima do "sufismo" (sabedoria mística e contemplativa do Islão) "Masnavi", formada por seis volumes. Escreveu ainda vários volumes de poesias populares. Rumi faleceu em Konya, atual Turquia, no dia 17 de novembro de 1273.

FRASES E PENSAMENTOS DE RUMI

A inspiração que você procura já está dentro de você. Fique em silêncio e escute.
Por que você permanece na prisão quando a porta está completamente aberta?
...Na verdade, somos uma só alma, tu e eu.
Nos mostramos e nos escondemos tu em mim, eu em ti.
Eis aqui o sentido profundo de minha relação contigo,
Porque não existe, entre tu e eu, nem eu, nem tu.
O que você procura está procurando você.
"Que a beleza do que você ama seja o que você faz."

JALÁL AD-DIN RŪMÍ – POEMAS

Por Revista Prosa Verso e Arte

*"Quando se aquietam os lábios,
mil línguas ferem o coração"* – Rûmî

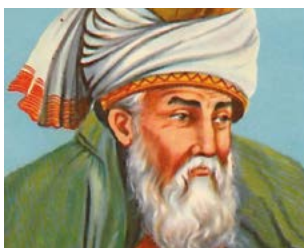
"Em Rûmî passamos da metafísica do ser para a metafísica do não-ser. [...] E os místicos morrem de amor. A vida e a morte iluminam as águas do silêncio. Do silêncio do não-ser. Da fruição divina. O Tudo e o Nada. Desabitarem-se para habitarem-se."

Sair para não-sair. Morrer pra não-morrer. Tal a dialética dos místicos. Seguir da névoa ao resplendor da Lua. Das águas turvas para as águas claras. E assim, para os sunitas, as águas deste Mundo movem-se, entre fluxo e refluxo, criação e destruição."

– Marco Lucchesi, em "A Sombra do Amado: Poemas de Rûmî". [tradução Marco Lucchesi e Luciana Persice]. Rio de Janeiro: Fissus, 2000, p. 13-14.

"Rûmî buscava uma imagem viva do divino e estava apto a contemplá-la. Shams colocou-se no lugar do Amado, o que permitiu ao Rûmî refletir e realizar-se nele. Sol-espelho, era a um só tempo o Sol da verdade (Shams ul-Haqq como é chamado no poema "A lua de Tabriz", que abre a presente antologia) e o espelho polido no qual Rûmî pôde reconhecer seu próprio sol em pleno brilho"

– José Jorge de Carvalho, em "Poemas Místicos: Divan de Shams de Tabriz". Jalâl ad-Din Rûmî. [seleção, introdução e tradução José Jorge de Carvalho]. São Paulo: Attar Editorial, 1996, p. 27.



POEMAS DE RŪMÍ

Sou artista...

Sou artista, pintor, desenho imagens,
nenhuma se compara a Teu fulgor.

Sei criar mil fantasmas, dar-lhes vida,
mas se vejo Teu rosto, dou-lhes fogo.

Serves Teu vinho ao ébrio na taberna,
e abates toda a casa que construo.

Nossa alma sem Ti se dissolve: água na água,
vinho no vinho: sinto Teu perfume.

Cada gota de meu sangue te implora:
"Faz-me Teu par e dá-me Tua cor."

Sofre minha alma na casa de argila:
"Entra, Amado, senão hei de partir!"
– Jalâl ad-Din Rûmî, em "A flauta e a Lua: poemas de Rûmî". [tradução Marco Lucchesi; fotos de Riccardo Zipoli]. Edição bilingue. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2016.

Mostra teu rosto de chamas,
Amado, pois me consumo de alegria; e tu perguntas:
"Até quando irás arder?"

Impões a regra do vinho;
como podem se acalmar nesse estado desmedido
o pensamento, a alma frágil?

Sopras incansavelmente dentro de teu junco da alma.
Mas se tanto te arrebatas,
por que culpas esse junco?

Como cobrir teu fulgor,
Se houvesse mais de mil véus?
Tantos véus não bastariam para eclipsar o teu rosto.

Ah, esse amor tão singelo,
que as aparências iludem!

Gira em torno dessa chama,
ó chacal, ó assassino!

Se tu foste sábio um dia,
como podes estar louco?
E se ao amor não pertences,
como vives tu com ele?

Os átomos de meu corpo vão silenciosos no templo.
E por detrás do silêncio,
ouvem-se gritos dispersos.

Eu perguntei a Shams de Tabriz:
"Quem são estes que guardam silêncio?"
E ele: "Quando for chegada a hora,
hão de se revelar aos teus olhos."
– Jalâl ad-Din Rûmî, em "A Sombra do Amado: Poemas de Rûmî". [tradução Marco Lucchesi e Luciana Persice]. Rio de Janeiro: Fissus, 2000.

EU e TU

Sentados no palácio duas figuras,
São dois seres, uma alma, tu e eu.

Um canto radioso move os pássaros
Quando entramos no jardim,
tu e eu!

Os astros já não dançam, e contemplam

a lua que formamos, tu e eu!

Enlaçados no amor, sem tu nem eu,
Livres de palavras vãs, tu e eu!

Bebem as aves do céu a água doce
De nosso amor, e rimos tu e eu!

Estranha maravilha estarmos juntos:
Estou no Iraque e estás no khorasan
– Jalâl ad-Din Rûmî, em "A Sombra do Amado: Poemas de Rûmî". [tradução Marco Lucchesi e Luciana Persice]. Rio de Janeiro: Fissus, 2000.

A lua de tabriz

Com a maré da manhã surgiu no céu uma lua.
De lá desceu e fitou-me.

Como o falcão que arrebatou o pássaro,
Essa lua agarrou-me e cruzou o céu.
Quando olhei para mim, já não me vi:
Naquela lua meu corpo se tornara,
Por graça, sutil como a alma.

Viajei então em estado de alma
E nada mais vi senão a lua.
Até que o segredo do saber divino
Me foi por inteiro revelado:
As nove esferas celestes fundiram-se na lua
E o vaso do meu ser dissolveu-se inteiro no mar.

Quando o mar quebrou-se em ondas,
A sabedoria divina lançou sua voz

ao longe.
Assim tudo ocorreu, assim tudo foi feito.

Logo o mar inundou-se de espumas,
E cada gota de espuma
Tomou forma e c.orpo.

Ao receber o chamado do mar,
Cada corpo de espuma se desfez
E tornou-se espírito no oceano.

Sem a majestade de Shams de Tabriz
Não se poderia contemplar a lua.
Nem tornar-se mar
– Jalâl ad-Din Rûmî, em "Poemas Místicos: Divan de Shams de Tabriz". [seleção, introdução e tradução José Jorge de Carvalho]. São Paulo: Attar Editorial, 1996.

Encontro de almas

Vem,
Conversemos através da alma.
Revelemos o que é secreto aos
olhos e ouvidos.

Sem exibir os dentes,
Sorri comigo, como um botão de
rosa.
Entendamo-nos pelos pensamentos,
Sem língua, sem lábios.

Sem abrir a boca,
Contemo-nos todos os segredos
do mundo,
Como faria o intelecto divino.

Fujamos dos incrédulos
Que só são capazes de entender
Se escutam palavras e vêem rostos.

Ninguém fala para si mesmo em

voz alta.
Já que todos somos um,
Falemos desse outro modo.

Como podes dizer à tua mão: “toca”,
Se todas as mãos são uma?
Vem, conversemos assim.

Os pés e as mãos conhecem o de-
sejo da alma.
Fechemos pois a boca e converse-
mos através da alma.
Só a alma conhece destino de tudo,
passo a passo.

Vem, se te interessas, posso mos-
trar-te
– Jalâl ad-Din Rûmî, em “Poemas
Místicos: Divan de Shams de Tabriz”.
[seleção, introdução e tradução José
Jorge de Carvalho]. São Paulo: Attar
Editorial, 1996.

A evolução da forma

Toda forma que vê
tem seu arquétipo no mundo sem-
lugar.
Se a forma esvanece, não importa,
permanece o original.

As belas figuras que viste,
as sábias palavras que escutaste,
não te entristeças se pereceram.

Enquanto a fonte é abundante,
o rio dá água sem cessar.
Por que te lamentas se nenhum dos
dois se detém?

A alma é a fonte,
e as coisas criadas, os rios.
Enquanto a fonte jorra, correm os
rios.

Tira da cabeça todo o pesar
e sorve aos borbotões a água des-
te rio.
Que a água não seca, ela não tem
fim.

Desde que chegaste ao mundo do
ser,
uma escada foi posta diante de ti,
para que escapasses.
Primeiro, foste mineral;
depois, te tornaste planta,
e mais tarde, animal.
Como pode ser isto segredo para
ti? [1]

Finalmente foste feito homem,
com conhecimento, razão e fé.
Contempla teu corpo – um punha-
do de pó –
vê quão perfeito se tornou!

Quando tiveres cumprido tua jor-
nada,
decerto hás de regressar como anjo;
depois disso, terás terminado de
vez com a terra,
e tua estação há de ser o céu.

Passa de novo pela vida angelical,
entra naquele oceano,
e que tua gota se torne mar,
cem vezes maior que o Mar de
Oman. [2]

Abandona este filho que chamas
corpo
e diz sempre “Um” com toda a alma.
Se teu corpo envelhece, que im-
porta?

Ainda é fresca tua alma.
– Jalâl ad-Din Rûmî, em “Poemas
Místicos: Divan de Shams de Tabriz”.
[seleção, introdução e tradução José
Jorge de Carvalho]. São Paulo: Attar
Editorial, 1996.

[1] Lembrando que isto foi dito
em pleno século XIII, em meio ao
islamismo.

[2] Na simbologia persa, estava as-
sociado ao Oceano Divino.

O mundo além das palavras

Dentro deste mundo há outro
mundo
impermeável às palavras.
Nele, nem a vida teme a morte,
nem a primavera dá lugar ao ou-
tono.

Histórias e lendas surgem dos te-
tos e paredes,
até mesmo as rochas e árvores
exalam poesia.
Aqui, a coruja transforma-se em
pavão,
o lobo, em belo pastor.

Para mudar a paisagem,
basta mudar o que sentes;
E se queres passear por esses lu-

gares,
basta expressar o desejo.

Fixa o olhar no deserto de espinhos.
– Já é agora um jardim florido!
Vês aquele bloco de pedra no chão?
– Já se move e dele surge a mina
de rubis!

Lava tuas mãos e teu rosto
nas águas deste lugar,
que aqui te preparam um fausto ban-
quete.
Aqui, todo o ser gera um anjo;
e quando me veem subindo aos céus
os cadáveres retornam à vida.

Decerto vistes as árvores crescen-
do da terra,

mas quem há de ter visto o nasci-
mento do Paraíso?
Viste também as águas dos ma-
res e dos rios,
mas quem há de ter visto nascer
de uma única gota d’água
uma centúria de guerreiros?

Quem haveria de imaginar essa
morada,

Eu sou tu

Sou as partículas de pó à luz do
sol,
sou o círculo solar.
Ao pó digo: “não te movas”,
e ao sol: “segue girando”.

Sou a névoa da manhã
e a brisa da tarde.
Sou o vento da copa das árvores
e as ondas contra o penhasco.

Sou o mastro, o leme, o timonei-
ro e a quilha
e o recife de coral em que naufragam
as embarcações.
Sou a árvore em cujo galho taga-
rela o papagaio,
sou silêncio e pensamento, e tam-
bém todas as vozes.

Sou o ar pleno que faz surgir a mú-
sica da flauta,
a centelha da pedra, o brilho do

esse céu, esse jardim do paraíso?
Tu, que lês este poema, traduze-o.
Diz a todos o que aprendeste
sobre este lugar.
– Jalâl ad-Din Rûmî, em “Poemas
Místicos: Divan de Shams de Tabriz”.
[seleção, introdução e tradução José
Jorge de Carvalho]. São Paulo: Attar
Editorial, 1996.

metal.
Sou a vela acesa e a mariposa
girando louca ao seu redor.
Sou a rosa e o rouxinol
perdido em sua fragrância.

Sou todas as ordens de seres,
a galáxia girante,
a inteligência imutável,
o ímpeto e a desertção.
Sou o que é
e o que não é.

Tu, que conheces Jalal-ud-Din
Tu, o Um em tudo,
diz quem sou.

Diz: eu sou
Tu.
– Jalâl ad-Din Rûmî, em “Poemas
Místicos: Divan de Shams de Tabriz”.
[seleção, introdução e tradução José
Jorge de Carvalho]. São Paulo: Attar
Editorial, 1996.

JALÂL AD-DIN RÛMÎ

Mawlana Jalal-ad-Din Muhammad Rûmî (30 de setembro de 1207 – 17 de setembro de 1273), também conhecido como Mawlana Jalal-ad-Din Muhammad Balkhi ou ainda apenas Rûmî ou Mevlana foi um poeta, jurista e teólogo sufi persa do século XIII. Seu nome significa literalmente Majestade da Religião; Jalal significa majestade e Din significa religião.



Desde menino teve contato com mui-
tos sufis eruditos da época viajou bastante. Seu nome está associando à
Anatolia romana onde viveu muito tempo (Konya); era chamada pelos tur-
cos do sultanato Seljúcida, de terra de Rum, referência ao império romano
do Ocidente, o império bizantino. A Anatolia recebia muitos persas orien-
tais abalados com as invasões mongóis. Apesar de passar a maior parte da
sua vida na Turquia, sempre escreveu em persa. Tornou-se professor mui-
to popular e tinha como alunos todo tipo de gente.

Aos 37 anos (1244) conheceu Shams de Tabriz. O afeto e cumplicidade
espiritual entre ambos marcou sua poesia e a história do sufismo. Rûmî
desenvolveu o Sama (que teria praticado com Shams), uma dança extática
em que os derviches giram em torno de si, imitando o movimento de rotação e transla-
ção dos planetas. Depois da morte de Rûmî
seu filho Walad formalizou a ordem MAVLE-
VI dos derviches giradores.



Jalâl ad-Din Rûmî – poeta

A importância de Rûmî transcende os con-
ceitos de nacionalidade e etnia. Sua presença
é marcante na literatura persa, turca e em na
Ásia Central. Seus poemas são amplamente
conhecidos e traduzidos em vários idiomas.

Rûmî é autor de obra impar entre as quais
se destacam: Os Poemas Místicos, Divan de
Shams de Tabriz contém 3230 gazéis e cerca
de 2000 rubaiyyat. É a maior
coleção de poemas místicos jamais escrita. O
Masnavi, tratado filosófico-
teológico, conta com 6 livros com textos
diversos: passagens corânicas,
alegorias, sermões. Com 25 mil versos é um
dos grandes textos espirituais,
conhecido na tradição sufi como o Alcorão
Persa.

Fonte: Revista Zunai

A curiosa origem da palavra 'idiota', que não tinha a ver com inteligência

A palavra vem do grego e originalmente não era um adjetivo desrespeitoso ou depreciativo, mas tinha a ver com cidadania

Por BBC

"O pior analfabeto É o analfabeto político. Ele não ouve, não fala nem participa dos acontecimentos políticos. Não sabe que o custo de vida, o preço do feijão, do peixe, de farinha, do aluguel, do calçado e dos medicamentos dependem de decisões políticas".



Idiota, em grego: originalmente não era um adjetivo desrespeitoso, depreciativo ou um insulto — Foto: BBC

Esse analfabeto político do poema atribuído ao dramaturgo alemão Bertolt Brecht é, por outras palavras, um idiota, em seu sentido quase original.

A palavra 'idiota' vem do grego *ἰδιώτης* *idiōtēs* e originalmente não era um adjetivo desrespeitoso, depreciativo ou um insulto.

Nem tinha qualquer relação com a inteligência da pessoa a quem se referia. Era usada para se referir a um cidadão comum, em oposição a um estudioso ou alguém que agia em nome do Estado ou ocupava cargo público.

Mas como os gregos valorizavam muito a participação cívica, reconhecendo que sem ela a democracia entraria em colapso, era esperado que todos os cidadãos estivessem interessados e familiarizados com os assuntos públicos. Ou seja, eles não deveriam ser idiotas.

Permanecer à margem da vida pública era sinal de ignorância, falta de educação, desinformação e abandono do dever como cidadão.

Aquele que não contribuía para os debates políticos, declarou Péricles, o grande estadista de Atenas, era considerado "não sem ambição, mas absolutamente inútil". É nesse contexto que, com o passar do tempo, *idiotēs* começou a adquirir uma conotação negativa, e se transformou um termo de reprovação e desdém.

Viver apenas uma vida privada não era ser plenamente humano.

"Se o comportamento e o discurso de um homem deixavam de ser políticos, ele se tornava idiota: egocêntrico, indiferente às necessidades do próximo, inconsequente em si mesmo", explica Christopher Berry em seu livro *A Ideia de uma Comunidade Democrática*.

E esse tipo de idiotice talvez fosse mais grave do que aquela que resultou da metamorfose que teve início e que levaria a palavra a se tornar o que é hoje, conforme a definição em português, por exemplo, do dicionário Michaelis:

adj m+f sm+f

1 Diz-se de ou o que demonstra falta de inteligência, de discernimento ou de bom senso; estúpido, imbecil, tanso, tantã, tolo, zote.

2 Diz-se de ou pessoa que se considera superior aos outros; arrogante, presunçoso.

3 Diz-se de ou o que é tolo ou ingênuo.

DA POLÍTICA À MEDICINA

Depois de se tornar um termo pejorativo para quem se recusava a participar da política, passou a definir alguém como ignorante, grosseiro e sem instrução.

Com essa interpretação, chegou ao latim no século 3º, e daí para outras línguas.

Embora o significado político tenha sobrevivido por algum tempo, à medida que a cultura e as tradições da Grécia antiga ficaram para trás, o novo significado o substituiu. Logo, outro fato reforçou ainda mais o significado atual.

No início do século 20, os psicólogos franceses Alfred Binet e Theodore Simon criaram o primeiro teste de inteligência moderno, que calculava o QI com base na capacidade das crianças de realizar tarefas como apontar para o nariz e contar moedas.

Os psicólogos ficaram tão apaixonados pela natureza científica dos testes que criaram sistemas de classificação.

Qualquer pessoa com QI acima de 70 era considerada "normal" e qualquer pessoa acima de 130 era considerada "superdotada".

Para lidar com pessoas com QI inferior a 70, inventaram uma nomenclatura.

Um adulto com idade mental inferior a 3 anos foi rotulado de "idiota"; entre 3 e 7, para "imbecil"; e entre 7 e 10, "débil mental".

"Idiota" então se tornou um termo técnico usado em contextos jurídicos e psiquiátricos.

Usar essa palavra, como aconteceu com o latim 'imbecil' para descrever graus de deficiência psíquica, fez com que ela também acabasse sendo um insulto que se refere aos dons mentais do insultado.

Em algumas culturas, "idiota", assim como "imbecil", caiu em desuso na medicina algumas décadas depois porque foi considerado ofensivo.

Em espanhol, porém, idiotismo ou idiocia continua aparecendo na Real Academia Espanhola (RAE) como o nome de um tipo de deficiência intelectual:

1. f. Med. Transtorno caracterizado por uma deficiência muito profunda das faculdades mentais, congênita ou adquirida nas primeiras idades da vida.

Portanto, um idiota também significa, segundo o Michaelis, em português:

4 MED Diz-se de ou pessoa que sofre de idiotia

TRÊS VIDAS

Desde o século 19, há pensadores que defendem que a palavra seja usada de forma mais ampla, mas recuperando o seu significado original.

Um deles é Walter C. Parker, professor emérito da Universidade de Washington, para quem essa antiga etimologia pode ser uma ferramenta valiosa para uma compreensão contemporânea da democracia e da cidadania.

Parker, que se dedica à educação cívica, explicou à BBC News Mundo que seu propósito é ajudar os indivíduos na transição daquele mundo privado da família e do parentesco para o mundo público do governo, uma transição crucial porque "nas democracias liberais são as pessoas que governam."

"Nesse sentido, podemos voltar a Aristóteles, há 2 mil anos, que costumo citar quando escrevo sobre idiotice. Para ele, idiota é alguém cuja vida privada é sua única preocupação, alguém que não toma iniciativa na política."

"São pessoas imaturas, com desenvolvimento truncado, que podem ter vida social, mas não vida pública."

"Portanto, existe uma vida privada, uma vida social e uma vida pública, e para ser um indivíduo com objetivos e prosperar você precisa de todos os três."

Mas como podemos distinguir entre social e público?

Para Parker, quem melhor pensou sobre isso desde Aristóteles foi a historiadora e filósofa Hannah Arendt.

"Basicamente ela diz que todos podemos ter uma vida social – com os nossos amigos e familiares, redes sociais, trabalho, lazer – sem necessariamente ter uma vida pública."

"Uma vida pública é uma vida política."

"O ideal da democracia liberal é que nós, o povo, participemos, estabelecendo o governo e criando as regras com as quais viveremos juntos sem nos separarmos, e trataremos de nos defender do tipo de vida pública que não queremos."

"Mas o idiota rejeita tudo isso. Ele simplesmente se enterra na sua vida privada e na sua vida social, arriscando assim que sejamos governados por aqueles que menos queremos", como já advertiu o filósofo ateniense Platão em *A República*.

É por isso que Parker quer resgatar o significado original do termo.

"Porque nos ajuda a falar sobre o que significa desenvolver uma voz política", diz ele.

"NÃO PODEMOS SER IDIOTAS"

Tudo começa na escola, opina Parker.

"No ensino, devemos promover o debate de questões públicas polêmicas com outras pessoas, cujas opiniões sejam semelhantes ou não. Isso não importa."

"Se você gosta ou não da opinião de alguém é importante na vida social, mas não na vida pública, onde temos que nos conectar, nos relacionar, conversar e ouvir outras pessoas, independentemente de elas concordarem com você."

"O objetivo da educação cívica é reforçar a democracia liberal, que está hoje em perigo em todo o mundo, inclusive nos Estados Unidos, como vimos com o trumpismo", afirma o especialista.

Essa troca de opiniões que tem sido tão importante nas últimas décadas acontece muitas vezes nas redes sociais, que servem como espaço de discussão, mas podem ser uma caixa de ressonância para mentiras e informações destrutivas para a sociedade democrática.

"Há sempre o perigo de o idiota levar a sua idiotice para a esfera pública, para usar os termos que usamos no contexto de que estamos a falar", explica Parker.

Mas algo também "terrível", lamenta o acadêmico, é a indiferença.

Está documentado que as novas (e não tão novas) gerações não estão interessadas nos acontecimentos atuais.

Apesar de viverem num mundo onde mais do que nunca as pessoas têm meios de acesso à informação, elas optam por não prestar atenção. Elas simplesmente não se importam.

"Na verdade, estamos recebendo cada vez mais pesquisas que mostram que os jovens têm uma vida privada e social ativa, mas não uma vida pública."

"E esse é um terreno fértil muito perigoso para a demagogia", explica.

Agora: a exaltação da vida pública não ocorre em detrimento das outras duas esferas, esclarece Parker.

"O objetivo de reivindicar o termo idiotice não é de forma alguma negar ou descartar a importância da vida privada ou social, que são tão cruciais para o nosso florescimento como seres humanos."

"É lá que existe a nossa família, os nossos amigos e o nosso trabalho."

"Mas a personalidade pública é o elo que falta, por assim dizer, para tornar possível vivermos juntos em sociedade com as nossas diferenças intactas."

É nessa vida pública, salienta, que aprendemos a lidar com estranhos com ideologias diferentes em culturas diferentes.

"O objetivo é desenvolver um *modus vivendi*, do latim, um modo de vida que nos permita prosperar juntos sem nos matarmos."

"Temos que cultivar o eu público e, para isso, não podemos ser idiotas".



"O Idiota", do autor russo Fyodor Dostoyevsky, era o Príncipe Myshkin, e ele foi chamado assim por causa de sua humildade, honestidade e bondade em uma sociedade de farsantes e falsos conspiradores. (Desenho e texto manuscrito de Dostoiévski) — Foto: BBC



É crucial expressar e ouvir opiniões políticas, apontam especialistas — Foto: GETTY IMAGES



Na Grécia antiga, participar da política era considerado fundamental — Foto: GETTY IMAGES